



UC/FPCE_2010

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Influência do Género na Percepção da Qualidade de Vida e Resiliência Familiares

Catarina Isabel Marques Feliciano
(e-mail: catarina_feliciano87@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia na Área de Especialização em Psicologia Clínica e Saúde, Subárea de Especialização em Sistémica, Saúde e Família, sob a orientação da Doutora Madalena de Carvalho

Influência do Género na Percepção da Qualidade de Vida e Resiliência Familiares

Resumo: O presente estudo tem como objectivo principal analisar em que medida o género influencia a percepção da qualidade de vida e resiliência familiares. Pretendemos também atender a algumas variáveis sócio-demográficas (idade, estado civil, local de residência e nível socioeconómico) e familiares (etapa do ciclo vital) que podem funcionar como mediadoras. Para tal recorreremos aos instrumentos *Qualidade de Vida (QV)* e *Forças Familiares (QFF)*, e a um *Questionário Demográfico*. Assim, procedeu-se à comparação de duas sub-amostras: género feminino (n=83) e género masculino (n=38), pertencentes a uma amostra de conveniência.

Os resultados mostram que o género não influencia a percepção da qualidade de vida familiar global, nem das suas dimensões, há excepção do factor *casa*. A interacção género/variáveis mediadoras influencia a percepção das suas dimensões; ao nível global apenas há influência na interacção género/nível socioeconómico. Na resiliência familiar (global e dimensões) o género também não exerce influência. Quanto à interacção género/variáveis mediadoras, apenas a interacção género/local de residência e género/etapa do ciclo vital influencia a percepção das suas dimensões; globalmente, reflecte-se na interacção género/local de residência.

Além de poder impulsionar novos estudos e conclusões, esta investigação fornece informação importante que pode ajudar terapeutas e outros intervenores no apoio a prestar a indivíduos e famílias.

Palavras chave: género, qualidade de vida familiar, resiliência familiar.

Influence of Gender on the Perception of Quality of Life and Family Resilience

Abstract: The present study aims to investigate the extent to which gender influences the perception of quality of life and family resilience. We also intend to attend another socio-demographic (age, marital status, place of residence and socioeconomic status) and family (stage of the lifecycle) variables that can act as mediators. To this end, we have recourse to instruments *Quality of Life (QOL)*, *Family Forces (FFQ)* and a *Demographic Questionnaire*. This way, we proceeded to the comparison of two sub-samples: female (n=83) and male (n=38) gender, belonging to a convenience sample.

The results shows that gender doesn't influence the perception of overall quality of family life, nor of their dimensions, exception for the factor *home*. The interaction gender/mediating variables influence the perception of its dimensions; at the global level only exists influence in the interaction gender/socioeconomic status. In family resilience (global and dimensions) gender did not influence. As for the interaction

gender/mediating variables, only the interaction gender/place of residence and gender/stage of the lifecycle influences the perception of its dimensions; globally, reflected in the interaction gender/place of residence.

Besides being able to drive new studies and conclusions, this research provides important information that can help therapists and other experts in assisting individuals and families.

Key Words: gender, quality of family life, family resilience.

Agradecimentos

Fim!

Levo comigo um baú a transbordar de recordações. Nele há sofrimento, sorrisos, crescimento, amizades para a vida, decepções, sabedoria, paciência, lágrimas e pessoas.

Tudo isso fez de mim a pessoa que sou hoje. Por isso, o meu muito obrigada,

À Professora Madalena de Carvalho, pela sua orientação e suporte, rigor e organização, e palavras amigas, fundamentais em muitos momentos e que fizeram crescer em mim um gosto pela sistémica e pela investigação.

À Professora Isabel Alberto, pela disponibilidade, apoio, incentivo, entrega e, sobretudo, por me ter “contaminado” com a sua paixão pela Psicologia e pela Sistémica.

Aos meus pais, pelo amor, força e apoio incondicional. Por terem “aturado” a minha indisponibilidade, impaciência e, por vezes, mau humor. Sem vocês este sonho não teria sido possível.

Ao meu irmão por estar sempre presente quando mais preciso.

À minha família pelo carinho e incentivo.

Ao João, porque és tu, porque me fazes sorrir, porque fazes tudo parecer tão simples e porque acreditas em mim mesmo tendo um oceano a separar-nos.

À Inês pelas alegrias e angústias, sorrisos e lágrimas, apoio e amizade, partilhados ao longo deste ano.

Às minhas amigas, por tudo o que vivemos e partilhámos, sem vocês estes cinco anos não teriam sido a mesma coisa.

Às minhas colegas de tese pela partilha.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual.....	2
1.1. Género	2
1.2. Qualidade de Vida Familiar.....	3
1.3. Resiliência Familiar.....	7
II - Objectivos.....	11
III - Metodologia	12
3.1. Caracterização da Amostra	12
3.2. Instrumentos.....	14
3.3. Procedimentos de Investigação.....	16
3.4. Procedimentos Estatísticos.....	17
IV - Resultados	18
4.1. Correlação Qualidade de Vida/Resiliência Familiares.....	18
4.2. Qualidade de Vida Familiar	19
4.3. Resiliência Familiar	25
V - Discussão.....	27
VI - Conclusões.....	38
Bibliografia	41
Anexos	44

Introdução

As diferenças de género têm sido amplamente retratadas na literatura, fomentando diversas análises e teorias. No entanto, estas não têm tido em consideração a sua influência no domínio familiar.

O presente estudo encontra-se inserido no âmbito de uma investigação mais vasta, englobando *stress*, *coping*, qualidade de vida e resiliência familiares. Partindo desse projecto, pareceu-nos relevante analisar a influência do género na percepção da qualidade de vida e resiliência familiares. Tal é justificado pela ausência de consenso quanto à existência de diferenças de género no geral, nem num domínio tão complexo como o familiar. Assim, o nosso estudo procura verificar se as diferenças de género no âmbito da percepção da qualidade de vida e resiliência familiares são um mito ou uma realidade presente no nosso quotidiano.

Existe uma vasta literatura acerca da qualidade de vida e resiliência individuais. No campo da família, essa realidade não é tão perceptível. Ambos os constructos são relativamente novos, encontrando-se no início do seu processo de conceptualização. Teoricamente estão bem documentados, no entanto, carecem investigações nestas áreas. A maioria dos estudos remete para o indivíduo e não para a família. Dessa forma, além das conclusões inovadoras que podemos retirar deste estudo, seria interessante analisar se algumas das relações encontradas no domínio individual também se verificam ao nível da família.

Assim, a relevância do nosso estudo é justificada pela análise da influência de variáveis pouco investigadas no campo da qualidade de vida e resiliência familiares, contribuindo, desta forma, para um conhecimento mais aprofundado sobre estes temas, incluindo a realidade das famílias portuguesas. Salienta-se ainda a necessidade de continuar a investigar estes domínios para que exista maior consistência e abrangência nas suas conclusões.

No nosso estudo, esperamos encontrar algumas diferenças de género nos vários domínios da qualidade de vida e resiliência familiares. No entanto, globalmente imaginamos que tal não se verificará. Apesar da influência da biologia e da socialização, considera-se que homens e mulheres têm um repertório de comportamentos relativamente igual. No entanto, as suas expectativas sobre a maneira como se devem comportar produzem *scripts interaccionais* que se traduzem pela selecção de comportamentos diferenciados (Deaux, 1990, in Poeschl, Múrias, & Ribeiro, 2003).

Com o objectivo de melhor compreender esta relação, pareceu-nos importante incluir a análise de eventuais variáveis mediadoras tais como: idade, zona de residência, estado civil, etapa do ciclo vital e o nível socioeconómico. Antecipamos que no caso da qualidade de vida familiar, todas estas variáveis possam exercer influência. No caso da resiliência familiar, apenas esperamos que a idade, o estado civil, e a etapa do ciclo vital sejam influentes.

I – Enquadramento conceptual

1.1. Género

Actualmente, a nossa sociedade está a sofrer modificações sociais que colocam novas exigências e desafios aos indivíduos de ambos os sexos, impelindo-os, muitas vezes, a transformar os seus comportamentos. No entanto, apesar de colocarem à prova os papéis de género tradicionais, homens e mulheres continuam a ser caracterizados e avaliados de forma divergente. As concepções estereotipadas acerca dos atributos, dos papéis e das competências de cada um dos sexos persistem nos esquemas mentais dos indivíduos, e servem de padrão para os julgamentos que são feitos dos comportamentos, em função do género (Vieira, 2006).

Dada a existência dos significados biológico e social da noção de sexo, alguns autores propõem fazer uma distinção entre sexo e género. Neste sentido, *sexo* reporta-se ao agrupamento dos indivíduos em duas categorias, com base nas suas diferenças biológicas. Por outro lado, o *género* alude ao significado social atribuído ao sexo (Poeschl et al., 2003).

Actualmente, o género é encarado como uma categoria social e como um constructo multidimensional, do qual fazem parte várias componentes. O género é uma das primeiras categorias que a pessoa aprende, exercendo uma influência marcante na organização da sua vida social uma vez que estrutura as relações interpessoais; a forma como a pessoa se percebe; condiciona comportamentos; e permite delinear expectativas diferenciais. Além disso, é um constructo complexo, em que as diferenças observadas entre homens e mulheres resultam de uma interacção de vários factores (Vieira, 2006).

Na nossa sociedade, os papéis tipicamente desempenhados por homens e mulheres diferem de forma significativa no que diz respeito às experiências emocionais. Habitualmente, as mulheres são descritas como emocionalmente expressivas, preocupadas com os sentimentos dos outros e com os seus, e emocionalmente instáveis (Broverman, Vogel, Broverman, Clarkson, & Rosenkrantz, 1972; Ruble, 1983, como citado em Wood, Rhodes, & Whelan, 1989). Contrariamente, os homens são encarados como emocionalmente estáveis e não excitáveis. No entanto, os estudos efectuados revelam resultados contraditórios (Wood et al., 1989)

Uma causa indirecta das diferenças de género pode ser a história pessoal dos homens e das mulheres acerca da aprovação dos papéis sociais, dada a influência que estas experiências têm nas competências e atitudes. Além disso, também derivam das crenças partilhadas acerca do comportamento provável e esperado dos homens e das mulheres, designadamente, crenças acerca dos papéis de género. Assim, experiências prévias baseadas na existência de diferenças de género conduzem a que, de certa forma, homens e mulheres tenham diferentes capacidades e atitudes. Tal, em conjunto com os papéis de género, provoca diferenças de sexo no comportamento social e nas emoções (Wood et al., 1989).

Segundo Vieira (2006), o género parece continuar a servir como filtro, através do qual os indivíduos tendem a ser educados e avaliados na

expressão de comportamentos e no desempenho de uma multiplicidade de tarefas, independentemente das suas capacidades reais.

Por tudo isso, o género parece ser uma construção psicossocial que influenciará, inevitavelmente, a expressão da saúde mental (Rabasquinho & Pereira, 2007).

1.2. Qualidade de Vida Familiar

O avanço científico e tecnológico que se tem verificado nos últimos anos conduziu a um aumento da esperança de vida, chamando a atenção para a necessidade de se ter em conta a “qualidade de vida” dos indivíduos e grupos (Fagulha, Duarte, & Miranda, 2000).

Actualmente, o conceito “qualidade de vida” é estudado por três grandes ramos da ciência: Economia, Medicina e Ciências Sociais. Cada um deles desenvolveu diferentes visões quanto à sua conceptualização e medida (Cummins, 2005).

Este constructo pode ser definido como a percepção de um indivíduo acerca da sua posição na vida, no contexto da cultura e do sistema de valores no qual vive, e em relação aos seus objectivos, expectativas, normas e preocupações (WHOQOL Group, 1993, como citado em Mercier, Péladeau, & Tempier, 1998). Ou quão bem uma pessoa sente que as suas necessidades, objectivos e desejos mais importantes estão a ser satisfeitos (Crowley & Kazdin, 1998, como citado em Armstrong, Birnie-Lefcovitch, & Ungar, 2005).

Neste sentido, a satisfação com a vida transcorre de uma avaliação cognitiva, ou seja, há uma comparação entre a circunstância apreendida pelo indivíduo e os seus padrões pessoais. Quanto menor a discrepância, maior o grau de satisfação (Costa & McCrae, 1980; Andrews & Robinson, 1991; Lazarus, 1991, como citado em Fagulha et al., 2000). Tal permite concluir que os afectos, a avaliação cognitiva e os factores sociais são importantes para o bem-estar psicológico (Fagulha et al., 2000).

A investigação sobre o bem-estar e a satisfação com a vida surgiu nos últimos vinte anos, tendo-se iniciado com os projectos de pesquisa nacionais e com os indicadores sociais de bem-estar subjectivo (Armstrong et al., 2005). Apesar da sua longa história, a maior parte dos investigadores empenhou-se na conceptualização e medição da qualidade de vida individual. Só recentemente, a qualidade de vida familiar recebeu atenção. Assim, a sua conceptualização desenvolveu-se a partir da literatura sobre a qualidade de vida individual (Poston & Turnbull, 2004; Park et al., 2003). Além disso, os estudiosos da família têm permanecido absorvidos com a medida da qualidade/satisfação conjugal (Olson, 1988, como citado em Rettig, Danes, & Bauer, 1991), embora os investigadores da qualidade de vida tenham estabelecido, claramente, a importância da vida familiar para o bem-estar pessoal (Rettig et al., 1991).

Tradicionalmente, a investigação tem-se focado no campo das dificuldades desenvolvimentais, tendo-se desenvolvido ao longo do tempo a conceptualização da qualidade de vida individual enquanto conceito multidimensional (Hoffman, Marquis, Poston, Summers, & Turnbull, 2006).

Assim, a qualidade de vida familiar é um campo de estudo relativamente novo. É um conceito multidimensional, encontrando-se no início do seu processo de conceptualização (Jokinen & Brown, 2005; Rettig & Leichtentritt, 1999; Poston & Turnbull, 2004). Este cresceu “em resposta à necessidade de uma estrutura teórica e conceptual positiva, para compreender e desenvolver abordagens de apoio centradas na família” (Brown & Brown, 2004, como citado em Jokinen & Brown, 2005, p.26).

Utiliza uma série de conceitos e princípios fundamentais da investigação sobre a qualidade de vida individual. Destaca-se *holismo*, abordagem que defende uma interação entre os aspectos individuais e colectivos da vida no contexto ambiental; *variabilidade*, cada família é única em termos da sua composição, valores, necessidades e preocupações; *domínios de bem-estar*, diferentes aspectos da vida e a sua importância para cada família; *mutabilidade*, as dinâmicas da influência ambiental; e a preocupação com a *melhoria da qualidade de vida* experienciada pelas famílias (Shalock et al., 2002; Brown & Brown, 2004, como citado em Jokinen & Brown, 2005). Além disso, a qualidade de vida familiar é um importante indicador da qualidade de vida global (Rettig & Leichtentritt, 1999).

Há pouco consenso quanto à sua definição ou quanto aos indicadores apropriados, pois este constructo é bastante complexo, constatando-se a ausência de uma teoria geral sobre a qualidade de vida familiar (Rettig et al., 1991; Rettig & Leichtentritt, 1999).

Segundo Olson e Barnes (1982, como citado em Summers et al., 2005), qualidade de vida familiar pode ser definida como o sentido da família sobre o ajuste entre si e o seu ambiente. Já Turnbull e colaboradores (2000, como citado em Park et al., 2003) definem-a como condições onde as necessidades da família são conhecidas, os seus elementos desfrutam da sua vida juntos enquanto família, e têm a oportunidade de fazer algo importante para eles.

O domínio da qualidade de vida familiar abrange as dimensões: estrutura organizacional da família, relacionamentos interpessoais, e auto-eficácia parental. A estrutura organizacional da família refere-se à coesão familiar, conflito e expressividade familiar, harmonia, e entendimento entre os pais acerca da educação dos filhos. A área dos relacionamentos interpessoais inclui os relacionamentos familiares e as relações com outros membros da família e amigos. Finalmente, a eficácia parental é definida pelo sentido de competência dos pais para resolver os problemas dos seus filhos (Armstrong et al., 2005).

A família é reconhecida como o grupo onde o maior número de trocas de recursos tem lugar e onde existe um grande potencial para conhecer as necessidades pessoais. Dessa forma, a Teoria da Troca de Recursos de Foa e Foa (1974) postula que os seres humanos necessitam de amor e afecto (amor), respeito e estima (*status*), conforto e assistência (serviços), comunicação significativa (informação), posse de coisas pessoais (bens), e dinheiro para uso pessoal (dinheiro). Estas seis classes de recursos são necessárias para manter a qualidade de vida encontrando-se, continuamente,

relacionadas umas com as outras. Quando qualquer um destes recursos fica abaixo do nível mínimo, a qualidade de vida pode estar comprometida. O ambiente familiar é particularmente importante para a troca dos recursos amor, *status* e serviços. Neste sentido, os sentimentos pessoais acerca dos recursos recebidos no ambiente familiar contribuem significativamente para explicar a variância na satisfação com a vida familiar (Rettig et al., 1991; Rettig & Leichtentritt, 1999).

Nesta linha, a Teoria da Ecologia Humana assume que a família é um importante recurso para cada um dos seus membros. Além disso, o bem-estar dos indivíduos e das famílias não pode ser considerado à parte do bem-estar de todo o ecossistema (Rettig & Leichtentritt, 1999).

Um outro aspecto a realçar relaciona-se com as crenças religiosas e culturais. Muitas pessoas procuram orientação e força nas crenças religiosas e culturais e nos valores que detêm. Além disso, aquilo que uma pessoa faz na vida contribui para a forma como se vê a si própria mas também para a forma como é vista pelos outros (Brown, Anand, Fung, Isaacs, & Baum, 2003).

Brown e colaboradores (2003, como citado em Summers et al., 2005) em parceria com investigadores da Austrália e Israel, procuraram desenvolver um referencial teórico e um instrumento de pesquisa para recolher informações sobre a qualidade de vida familiar. Nesse trabalho, concluíram que os relacionamentos familiares, as crenças espirituais e culturais e as carreiras pareciam ser fortes contributos para a qualidade de vida familiar. Em termos de menor satisfação destaca-se o apoio fornecido por familiares, amigos e vizinhos, e oportunidades de tempo de lazer com a família (Brown et al., 2003, in Summers et al., 2005).

Homens e mulheres diferem em termos de uma variedade de factores biológicos, situacionais e de personalidade, no entanto, tal pode ou não resultar em diferenças de género na qualidade de vida subjectiva (Wood et al., 1989).

Os estudiosos da vida familiar, os educadores e os terapeutas assumem, muitas vezes, que as características da vida familiar mais relacionadas com o bem-estar emocional continuam a ser diferentes para homens e mulheres (Mills, Grasmick, Morgan, & Wenk, 1992). Para muitas mulheres, a qualidade dos relacionamentos nas suas famílias é considerada central para o seu bem-estar (Williams, 1988, como citado em Mills et al., 1992). Para os homens, o “papel de provedor” surge como fundamental (Blumstein & Schwartz, 1983; Hiller & Philliber, 1986, como citado em Mills et al., 1992).

A relação entre casamento e bem-estar é complexa. Homens e mulheres diferem quanto ao investimento num relacionamento conjugal. Além disso, a parentalidade também afecta, diferentemente, homens e mulheres. No geral, ter um filho tem um efeito prejudicial na satisfação conjugal, tanto para os homens como para as mulheres (McLanahan & Adams, 1987; Pittman & Lloyd, 1988, como citado em Mills et al., 1992). É provável que o sofrimento psicológico seja superior para as mulheres uma

vez que estas assumem a responsabilidade da educação infantil. Contudo, o seu papel enquanto mãe é central, contribuindo mais para o seu sentimento global de bem-estar. Quanto às finanças, a pressão para ser o provedor financeiro é maior no sexo masculino, pelo menos numa minoria substancial de famílias (Mills et al., 1992).

No que diz respeito às investigações realizadas acerca da qualidade de vida familiar, destaca-se o estudo realizado por Brown e colaboradores (2003). Este mostrou que as crenças culturais e religiosas, os relacionamentos familiares e as carreiras surgiram como os principais contributos para a qualidade de vida familiar (Brown et al., 2003). Por outro lado, Rettig e Leichtentritt (1999) verificaram, no seu estudo, que existiam diferenças de género na percepção de bem-estar familiar, considerado um indicador de qualidade de vida familiar.

Existem numerosos estudos realizados em áreas consideradas influentes na qualidade de vida, nomeadamente, a qualidade conjugal, qualidade parental, o género, religião, idade e a zona de residência.

A satisfação conjugal é a variável mais estudada no campo da família (Spanier & Lewis, 1980, como citado em Pittman & Lloyd, 1988). As mudanças na satisfação conjugal através do ciclo de vida da família demonstram que a duração do casamento, assim como ter filhos, tem efeitos importantes (Pittman & Lloyd, 1988). Johnson, White, Edwards e Booth (1986, como citado em Pittman & Lloyd, 1988) referiram que a satisfação é maior nos primeiros (1-3) e nos últimos anos (25+) do casamento. Abbott e Brody (1985, como citado em Pittman & Lloyd, 1988) verificaram que os casais com crianças em casa apresentavam uma satisfação conjugal mais baixa que os casais sem crianças em casa.

Existem diferenças entre os estudos dos anos 70 e os estudos contemporâneos, acerca do género, casamento e bem-estar psicológico. Nos últimos 30 anos tem prevalecido a ideia que o casamento beneficia mais os homens do que as mulheres, enquanto a qualidade conjugal afecta mais as mulheres do que os homens. Estudos recentes têm sugerido que as diferenças de género têm diminuído (Williams, 2003). Esta ideia foi confirmada pelo estudo de Williams (2003), onde se concluiu que os benefícios e os custos de um casamento são similares para homens e mulheres.

Quanto à satisfação parental, apesar de a investigação indicar que uma criança tem um impacto negativo no bem-estar psicológico e na satisfação com a vida no geral, os dados disponíveis sugerem que, geralmente, a satisfação é alta (Glenn & McLanahan, 1981, como citado em Goetting, 1986). Trata-se de um fenómeno complexo que parece não ocorrer de forma uniforme com todos os pais. A satisfação parental varia consoante a idade, o estado civil e a educação (Goetting, 1986), assumindo o suporte social um papel importante, principalmente durante os anos pré-escolares (Albernathy, 1973, como citado em Pittman & Lloyd, 1988).

A espiritualidade tem também um papel importante na qualidade de vida individual e na procura, por parte das pessoas, de sentido da vida. Assim, não é de estranhar que a espiritualidade, especificamente as práticas religiosas, tenham um foco importante na qualidade de vida familiar. Os

resultados encontrados por Poston e Turnbull (2004) vão de encontro a esta ideia. Os sujeitos do estudo falaram, apaixonadamente, sobre as suas crenças espirituais enquanto contributos para a sua qualidade de vida emocional e familiar global. Os seus comentários reflectem um sentido de força ganho a partir do bem-estar espiritual e da participação em actividades religiosas. Além disso, o desenvolvimento espiritual tem impacto noutras áreas da qualidade de vida familiar, uma vez que fornece recursos que permitem aos elementos da família enfrentar os desafios que surgem na vida quotidiana. Torna-se mais fácil lidar com os desafios pela força e sentido de bem-estar ganhos através das crenças religiosas e do suporte social de outros membros da sua comunidade religiosa (Poston & Turnbull, 2004).

1.3. Resiliência Familiar

O termo resiliência é utilizado há muito pela Física e Engenharia. No âmbito da Psicologia, o estudo deste fenómeno é relativamente recente. É pesquisado desde os anos 70 mas apenas nos últimos anos tem sido alvo de discussão, não sendo a sua definição clara e precisa (Yunes, 2003).

Inicialmente, surgiu ao nível individual, tendo sido comumente usado por clínicos ou psicólogos do desenvolvimento e psiquiatras. Começou por ser definido de várias formas no campo do desenvolvimento infantil e da psicopatologia desenvolvimental, debruçando-se sobre sobreviventes de pais doentes mentais e famílias disfuncionais. Destaca-se ainda o foco nas transições desenvolvimentais e o seu impacto na adaptação ao *stress* (Hawley & DeHaan, 1996; Walsh, 1996; Luthar, Cicchetti, & Becker, 2000; Hawley, 2000; Conger & Conger, 2002; Patterson, 2002).

A resiliência tem sido vista em termos de traços de personalidade e estratégias de *coping* que permitem ao indivíduo superar experiências de vida penosas. Pensada como inata ou adquirida por iniciativa própria, não se reconhece o potencial e as resiliências que podem ser encontradas e encorajadas mesmo em famílias problemáticas. Assim, muitos clínicos e investigadores têm procurado fontes de resiliência fora da família, encontrando-as em relações substitutas positivas (professores, mentores ou terapeutas) que, possivelmente, contrabalançariam as influências nocivas da família (Walsh, 1996; 2003).

Silliman (1994, como citado em Hawley & DeHaan, 1996) sugere que a resiliência pode ser descrita ao nível individual, familiar e comunitário sendo, cada um deles, único mas interdependente. A resiliência pode ainda ser vista em termos de valores, atitudes e dimensões comportamentais.

Nos últimos anos, assistiu-se a um movimento no campo da família em direcção a modelos baseados nas forças e não nos défices. Este interesse clínico na família e na resiliência foi acompanhado por uma atenção crescente ao constructo “resiliência familiar”. A resiliência passa a ser encarada pela literatura como um constructo ao nível familiar, uma qualidade sistémica partilhada pela unidade familiar como um todo. Trata-se de um conceito relativamente novo, em torno do qual estão a emergir noções teóricas, encontrando-se no início do desenvolvimento da sua definição (Hawley & DeHaan, 1996; Hawley, 2000).

Grande parte da literatura da resiliência familiar deriva da bibliografia sobre as forças familiares (Hawley & DeHaan, 1996), da teoria das ciências sociais e da investigação sobre *stress*, *coping* e adaptação (Walsh, 1996; 2003), resultando do seu aperfeiçoamento. A principal contribuição da construção da literatura da resiliência familiar foi o desenvolvimento da noção de *family ethos*, ou seja, esquema, visão do mundo ou sentido de coerência, que procura descrever um conjunto de valores e atitudes partilhados pela unidade familiar, servindo como elemento decisivo da sua resiliência (Hawley & DeHaan, 1996).

Existem várias definições de resiliência na literatura sobre a família. Hawley e DeHaan (1996) integram as contribuições da literatura sobre resiliência individual e familiar, e referem que a resiliência familiar descreve “o caminho que uma família segue enquanto se adapta e prospera ao enfrentar *stress*, tanto no presente como ao longo do tempo. As famílias resilientes respondem positivamente e de forma única a estas condições, dependendo do contexto, do nível desenvolvimental, da combinação dos factores de risco e de protecção, e das perspectivas partilhadas pela família” (p.293).

Genericamente, é um processo dinâmico que descreve a forma como as famílias se adaptam positivamente e recuperam das contrariedades, perante dificuldades significativas (Luthar et al., 2000). Tal significa que a resiliência familiar envolve processos que podem flutuar durante longos períodos de tempo, influenciados por *stress* e tensões de vida não sendo, por isso, estáticos e constantes (Conger & Conger, 2002) e caracterizando-se por uma experiência de sucesso apesar da exposição ao risco; adaptação ao risco com o objectivo de manter a competência em condições adversas; e ajustamento positivo ao trauma ou outras experiências negativas (Fraser, Richman, & Galinsky, 1999, como citado em Orthner, Jones-Sanpei, & Williamson, 2004).

Ao encarar a resiliência familiar como um processo assume-se que as famílias não serão, necessariamente, sempre resilientes em todas as circunstâncias. Uma família pode ser resiliente em resposta a uma forma de *stress* significativo mas, quando novas circunstâncias emergem, a sua capacidade para permanecer resiliente pode diminuir (Hawley, 2000; Patterson, 2002). Assim, o trajecto da resiliência que cada família segue é único e idiossincrático. Os vários contextos em que a família se encontra inserida (desenvolvimental, histórico, cultural) interagem com a sua própria estrutura e dinâmicas, por isso, não existem duas famílias resilientes da mesma forma (Hawley, 2000).

Por tudo isso, destaca-se a importância de uma *perspectiva ecológica*, pois risco e resiliência são vistos à luz das múltiplas e recursivas influências que envolvem indivíduos, famílias e sistemas sociais alargados, mas também de uma *perspectiva desenvolvimental*, como meio para observar processos adaptativos ao longo do tempo, desde as interacções em curso, à passagem do ciclo de vida familiar e às influências multigeracionais; incluindo a identificação de potenciais ameaças ao bem-estar familiar (Hawley & DeHaan, 1996; Walsh, 1996; 2002; 2003). Portanto, novas vulnerabilidades

e forças vão emergindo com a mudança das circunstâncias de vida (Luthar et al., 2000).

A resiliência familiar refere-se a qualidades que permitem à família manter o seu equilíbrio enquanto experiencia crise. Perante as adversidades, a família resiliente mostra capacidade para se adaptar de formas produtivas para o seu próprio bem-estar. Transporta a propriedade da *flutuabilidade*, isto é, temporariamente, as famílias que se encontrem em condições *stressantes*, podem ser lançadas fora de curso, no entanto, irão resistir à alteração da sua estrutura básica e, após a crise, irão voltar a um estado semelhante ao seu funcionamento prévio. Presume-se que estas retornam a um nível de funcionamento igual ou superior ao seu nível pré-crise. São famílias encaradas como possuidoras de elevados níveis de flexibilidade e laços emocionais (Hawley & DeHaan, 1996; Hawley, 2000). Destaca-se ainda o facto de estarem envolvidos múltiplos factores de risco e de protecção (Rutter, 1999), sendo estes únicos para cada família (DeHaan, Hawley, & Deal, 2002).

Além disso, tende a ser vista em termos de bem-estar e não de patologia, uma vez que aborda os sucessos da família em vez das suas falhas. Enfatiza os factores de protecção e as forças (Hawley & DeHaan, 1996; Hawley, 2000). Procura identificar e promover processos chave que permitem à família superar a crise ou *stress* persistente de forma mais eficaz e emergir mais resistente. Ao construí-la, fortalece-se a família como uma unidade funcional, permitindo-lhe fomentar a resiliência em todos os seus elementos (Walsh, 1996).

Nenhuma família é livre de problemas e estes surgem ao longo do ciclo da vida. No entanto, segundo o conceito “resiliência familiar”, cada família possui a capacidade para se auto-restabelecer (Walsh, 1996). Esta abordagem reconhece a existência de uma potencial transformação individual e relacional e de um crescimento que podem ser retirados da adversidade. As famílias podem sair mais fortes e com mais recursos através dos seus esforços compartilhados. A crise pode ser um sinal de alerta, chamando de atenção para o que importa (Walsh, 2002; 2003).

Segundo Walsh (2002) esta perspectiva é guiada por uma orientação *bio-psico-social*, na qual os problemas e as suas soluções são vistos à luz das múltiplas influências recursivas. Assim, sobressai a necessidade de uma avaliação sistémica em tempo de crise, no sentido de identificar potenciais recursos relacionais dentro e fora da família nuclear, incluindo a comunidade, e para atender à confluência temporal das experiências ao longo do ciclo de vida e das gerações. A forma como uma família responde às adversidades e aos desafios influencia a adaptação imediata e a longo prazo de todos os membros da família e desta enquanto unidade (Walsh, 1996).

Neste sentido, os significados compartilhados pela família, sobre as exigências que estão a enfrentar, podem torná-la mais ou menos vulnerável na forma como responde. Assim, a história e a experiência de sucesso que a família possui podem delinear a sua capacidade de resiliência, aumentando a possibilidade de a mostrar quando algum evento for definido como um risco

significativo, existindo maior probabilidade de isso acontecer quando se tratam de exigências não normativas. A construção de um significado familiar é fundamental para a resiliência familiar (Patterson, 2002). Além disso, as acções de um membro da família têm impacto nos restantes elementos. Dessa forma, é possível supôr que a resiliência individual influencia a resiliência familiar (Hawley & DeHaan, 1996).

Walsh (2002) identificou três processos-chave na resiliência familiar, nomeadamente, sistema de crenças da família, padrões de organização, e processos de comunicação. Assim, esta pode ser promovida pela partilha de crenças que ajuda os membros da família a dar significado às situações de crise; facilita um olhar positivo e esperançoso; e proporciona valores transcendentais ou espirituais e um propósito. Pela organização familiar, através de uma estrutura flexível, liderança partilhada, apoio mútuo, trabalho de equipa, coesão, e recursos sociais e económicos ao encarar os desafios da vida. Finalmente, por processos comunicacionais que clarificam situações ambíguas, encorajam a expressão emocional aberta e a resposta empática, e promovem a colaboração na resolução de problemas (Walsh, 2002; 2003). Uma vez que estes processos servem diferentes constelações, valores, recursos e desafios familiares, podem estar organizados e expressar-se de diferentes formas e níveis (Walsh, 1998, como citado em Yunes, 2003).

A partilha de crenças e de valores pela família facilita os processos que permitem a sua fortificação, ajuda-a a lidar com as adversidades e os desafios, une os seus elementos, ou seja, permite-lhes ser resilientes (Silberberg, 2001). Ainda nesta linha, existem vários factores associados a resultados mais positivos, particularmente, comunicação positiva, resolução de problemas e gestão de conflitos, companheirismo, coesão em torno dos valores e suporte social (Orthner et al., 2004).

O Modelo das Forças Familiares Australiano fundamenta-se em oito qualidades, identificadas nos estudos sobre este tema: comunicação, intimidade, partilha de tarefas, afecto, suporte, aceitação, compromisso e resiliência. Todos estes atributos estão inseridos no conceito de resiliência familiar, isto é, as famílias fortes são capazes de se adaptar às novas circunstâncias e ter uma atitude positiva em relação aos desafios da vida familiar. Lidam com estes desafios comunicando coisas uns aos outros; apoiando-se mutuamente em tempos de necessidade e/ou procurando suporte externo quando está além da capacidade da família tratar da situação; e da intimidade. Através da comunicação, unem-se para encontrar soluções (Silberberg, 2001). Assim, as forças contribuem para a resiliência familiar ao longo do tempo (Hawley, 2000; Walsh, 1998).

McCubbin e McCubbin (1988, como citado em Yunes, 2003) elaboraram uma tipologia de famílias resilientes que inclui quatro tipos: vulneráveis, seguras, duráveis e regenerativas. A pertença a um destes tipos depende da forma como a unidade familiar lida com as situações e do relacionamento entre os seus membros.

Um vasto conjunto de eventos e condições pode ter influências adversas sobre os indivíduos e famílias. Assim, diferentes domínios de

adversidade podem surgir a diferentes elementos da família, podendo existir diferenças sistemáticas na resposta a esses mesmos eventos e condições, devido ao género ou geração (Conger & Conger, 2002).

Ao enfrentar situações adversas, os homens tendem a ficar mais irritados enquanto as mulheres têm maior probabilidade de demonstrar tristeza e ansiedade. Tal pode ser devido aos estereótipos masculinos de força, que restringem, frequentemente, os homens de mostrar medo, vulnerabilidade e tristeza (Walsh, 2003).

Os investigadores do *The International Resilience Research Project* (1997) realizaram um estudo para examinar a promoção da resiliência em crianças até aos doze anos de idade, procurando averiguar as semelhanças e as diferenças de idade, género e cultura/etnia. Verificou-se que o nível socioeconómico tem um impacto insignificante na quantidade e tipo de comportamento resiliente promovido; apenas há diferenças quanto ao número de factores de resiliência utilizados (pais pertencentes a um nível socioeconómico elevado usam mais factores). Quanto ao género, não existem diferenças. No entanto, os rapazes, apesar de terem a mesma percentagem global de resiliência que as raparigas, geralmente, baseiam-se em menos factores de resiliência para lidar com as adversidades. As raparigas baseiam-se mais em relacionamentos de confiança e recebem mais ajuda para se tornarem autónomas; baseiam-se mais em factores internos, tais como ser amável, autónomo, ter auto-estima, sentir-se confiante e mostrar empatia; e também recorrem mais à comunicação, resolução de problemas e ao relacionamento com os outros. No que diz respeito à cultura, esta não prevê a promoção da resiliência nas crianças, os factores de resiliência utilizados é que variam consoante a cultura. Assim, a variabilidade de formas para promover a resiliência envolve diferenças familiares, culturais/étnicas, de idade e género (Grotberg, 1997).

Uma vez que carecem investigações acerca da influência deste tipo de variáveis na resiliência familiar, seria interessante averiguar se estas conclusões também se verificam no caso dos adultos.

Apesar de estes temas serem largamente referidos na literatura, ainda se verifica uma grande limitação em relação à análise destes conceitos no domínio da família, sendo ainda escasso o estudo dos mesmos no que diz respeito ao género.

II - Objectivos

O principal objectivo deste estudo é analisar em que medida o género influencia a forma como os indivíduos percebem a qualidade de vida e resiliência familiares. Isto é, perceber se existem diferenças entre homens e mulheres na forma como percebem estes dois constructos.

Pretendemos também atender a outras variáveis sócio-demográficas e familiares que podem funcionar como mediadoras. Assim, avaliaremos a influência da idade, do estado civil, do nível socioeconómico, do local de residência e da etapa do ciclo vital da família na forma como homens e

mulheres percebem a qualidade de vida e resiliência familiares. Para tal recorremos aos instrumentos Qualidade de Vida (QV) e Forças Familiares (QFF), e a um Questionário Demográfico.

De seguida, apresentamos o nosso modelo conceptual (figura 1).

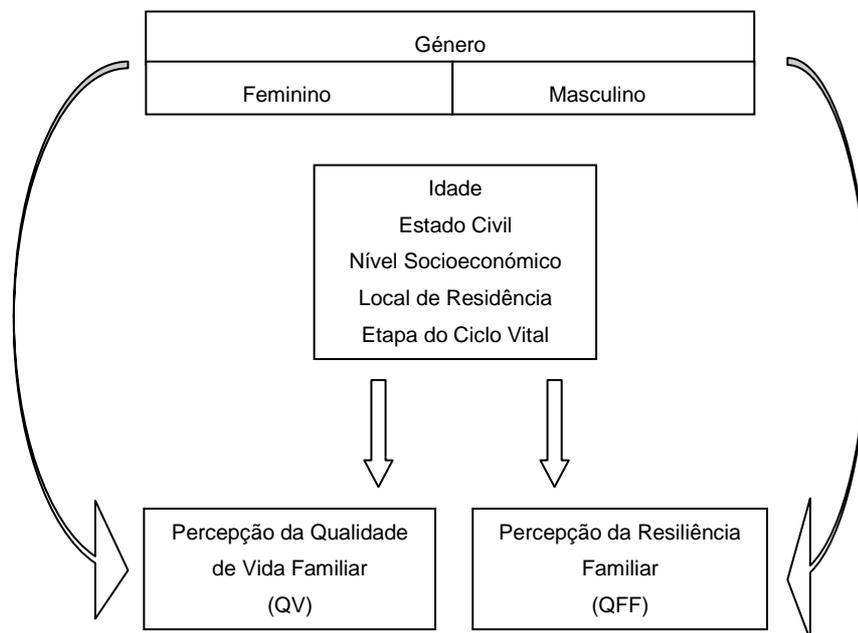


Figura 1. Modelo conceptual hipotético das relações entre as variáveis do presente estudo empírico.

III - Metodologia

3.1. Caracterização da Amostra

Com o objectivo de descrever genericamente a amostra, recorreu-se a um conjunto de variáveis sócio-demográficas (género, idade, estado civil, habilitações literárias, local de residência e nível socioeconómico), mas também a características das famílias dos participantes (etapa do ciclo vital, formas de família e número de filhos).

A amostra total utilizada neste estudo é constituída por 121 sujeitos, com idades compreendidas entre os 22 e os 93 anos, e uma média de idades de 44 anos. Existe, claramente, uma predominância do sexo feminino (68.6%), sendo a faixa etária preponderante dos 30 aos 50 anos (49.6%). Estes sujeitos são, maioritariamente, casados (88.4%), os restantes (11.7%) correspondem a indivíduos solteiros, viúvos, divorciados ou recasados. Ainda nas variáveis sócio-demográficas, verifica-se que a escolaridade mais frequente entre os sujeitos da amostra é o ensino superior, apesar de o 9º e 12º anos assumirem, ambos, valores que rondam os 20%. Quanto à zona de residência, existe uma distribuição relativamente equitativa pelas diferentes áreas, verificando-se um ligeiro destaque na zona medianamente urbana (38.8%). A maioria dos nossos sujeitos apresenta um nível socioeconómico médio (63.6%).

Tabela 1. Caracterização da amostra, variáveis sócio-demográficas.

Variáveis	Categorias	Género					
		Masculino		Feminino		Total	
		n=38 (31.4%)	n=83 (68.6%)	n	%	n	%
Idade	22 – 29	9	23.7	11	13.3	20	16.5
	30 – 39	9	23.7	21	25.3	30	24.8
	40 – 49	3	7.9	27	32.5	30	24.8
	50 – 59	9	23.7	13	15.7	22	18.2
	= > 60	8	21.1	11	13.3	19	15.7
Estado Civil	Solteiro	2	5.3	1	1.2	3	2.5
	Casado	34	89.5	73	88	107	88.4
	Viúvo	0	0	4	4.8	4	3.3
	Divorciado	1	2.6	4	4.8	5	4.1
	Recasado	1	2.6	1	1.2	2	1.7
Habilitações Literárias	< 4º Ano	0	0	3	3.6	3	2.5
	4º Ano	8	21.1	13	15.7	21	17.4
	6º Ano	5	13.2	9	10.8	14	11.6
	9º Ano	12	31.6	12	14.5	24	19.8
	12º Ano	4	10.5	18	21.7	22	18.2
	Ensino Médio	1	2.6	4	4.8	5	4.1
	Ensino Superior	8	21.1	24	28.9	32	26.4
Local de Residência ¹	Predominante/ urbano	14	36.8	28	33.7	42	34.7
	Mediana/ urbano	20	52.6	27	32.5	47	38.8
	Predominante/ rural	4	10.5	28	33.7	32	26.4
Nível Socioeconómico ²	Baixo	8	21.1	29	34.9	37	30.6
	Médio	28	73.7	49	59	77	63.6
	Alto	2	5.3	5	6	7	5.8

Relativamente às variáveis familiares, os nossos sujeitos encontram-se, na sua maioria, na etapa família lançadora (25.6%) e casal sem filhos (19%), vivendo no seio de uma família nuclear intacta (89.3%). Um é o número de filhos mais frequente por agregado familiar (38.2%) (consultar tabela 2).

Procedeu-se a testes de comparabilidade³ para analisar a equivalência das sub-amostras nas diferentes variáveis. Para tal recorreu-se ao teste de *Qui-Quadrado* e ao *t-student*. Verificámos que as sub-amostras não são equivalentes nas variáveis *local de residência* ($X^2=8.093$; $p=0.017$) e *filhos* ($t=-2.679$; $p=0.009$). As restantes, *estado civil* ($X^2=4.193$; $p=0.381$),

¹ Para a definição do local de residência utilizámos os critérios apresentados pelo Instituto Nacional de Estatística (I.N.E., 1998).

² Para a definição do nível socioeconómico, baseámo-nos na proposta de Mário Simões (1994, p.285-286).

³ Anexo I.

habilitações literárias ($t=-1.127$; $p=0.262$), etapa do ciclo vital ($X^2=5.130$; $p=0.527$), formas de família ($X^2=0.505$; $p=0.918$), nível socioeconómico ($X^2=2.549$; $p=0.280$) e idade ($t=0.306$; $p=0.761$) são equivalentes.

Tabela 2. Caracterização da amostra, variáveis familiares.

Variáveis	Categorias	Género					
		Masculino		Feminino		Total	
		n=38 (31.4%)		n=83 (68.6%)		N=121	
		n	%	n	%	n	%
Etapa do Ciclo Vital ⁴	Casal sem filhos	9	23.7	14	16.9	23	19
	Filhos pequenos	4	10.5	9	10.8	13	10.7
	Filhos em idade escolar	4	10.5	11	13.3	15	12.4
	Filhos adolescentes	2	5.3	14	16.9	16	13.2
	Família lançadora	11	28.9	20	24.1	31	25.6
	Ninho vazio	4	10.5	4	4.8	8	6.6
	Idosos	4	10.5	11	13.3	15	12.4
Formas de Família	Nuclear intacta	35	92.1	73	88	108	89.3
	Pós-divórcio	1	2.6	4	4.8	5	4.1
	Reconstituída	1	2.6	3	3.6	4	3.3
	Outra constelação	1	2.6	3	3.6	4	3.3
<i>Missing n=19; 15.7%</i>							
Filhos	0	11	32.4	13	19.1	24	23.5
	1	15	44.1	24	35.3	39	38.2
	2	8	23.5	24	35.3	32	31.4
	3	0	0	7	10.3	7	6.9

3.2. Instrumentos

O protocolo utilizado na presente investigação é constituído por três instrumentos: *Questionário Demográfico*; *Inventário Qualidade de Vida (QV)* - versão parental (adaptado de Olson & Barnes, 1982; versão NUSIAF-SISTÉMICA; Adaptado, 2007; Validado, 2008); e *Questionário Forças Familiares (QFF; Melo & Alarcão, 2007)*. Estes instrumentos foram seleccionados a partir dos objectivos subjacentes ao nosso estudo empírico.

Questionário Demográfico⁵

O questionário demográfico foi elaborado pela equipa de investigação do Mestrado Integrado em Psicologia, subárea de especialização em Sistémica, Saúde e Família, no ano lectivo 2007/2008, tendo sofrido alguns ajustes no ano lectivo seguinte. Pode ser preenchido pelo investigador ou pelo respondente, sob a forma de entrevista estruturada.

⁴ O investigador responde a este item tendo em conta o estudo de Olson, McCubbin e colaboradores (1983), que define sete etapas do ciclo vital: *jovens casais sem filhos; famílias com filhos pequenos ou em idade pré-escolar; famílias com filhos em idade escolar; famílias com adolescentes; famílias “lançadoras”; “ninho vazio”; e família na reforma.*

⁵ Anexo II, 2.

Tem como objectivo principal recolher informações sócio-demográficas acerca do indivíduo e dos seus familiares. Para tal foca os seguintes domínios: dados pessoais; composição do agregado familiar; existência ou não de doença crónica, ou outras, na família; morte de pessoas significativas; divórcio de alguém próximo; levantamento de algum tipo de ajuda psicológica que a família tenha obtido e se a mesma ainda se mantém; ordenamento, segundo a importância, dos apoios recebidos em situações difíceis; e avaliação por parte do respondente, segundo uma escala *Likert* de cinco pontos, do *stress*, da qualidade de vida, das forças e da adaptação familiares. Além disso, contém dois itens exclusivamente preenchidos pelo investigador (etapa do ciclo vital e nível socioeconómico), permitindo-lhe ainda situar temporalmente a aplicação do protocolo, uma vez que contém informação acerca da data de aplicação do mesmo.

Qualidade de Vida – QV⁶

O questionário Qualidade de Vida (QV) corresponde à adaptação do *Quality of Life* (QOL), desenvolvido por Olson e Barnes (1982, in Olson et al., 1985). A versão portuguesa foi adaptada pelo NUSIAF-SISTÉMICA, em 2007, e validada para a população portuguesa no ano seguinte (Simões, 2008).

Este instrumento apresenta duas versões, o formulário parental e o formulário para adolescentes. No nosso estudo foi apenas utilizado o formulário parental, um inventário de auto-resposta que pretende avaliar a percepção individual de bem-estar e satisfação com a vida familiar em diferentes domínios, sendo estes considerados indicadores de satisfação com a qualidade de vida.

É constituído por 40 itens distribuídos por 11 factores – bem-estar financeiro; tempo; vizinhança e comunidade; casa; *mass media*; relações sociais e saúde; emprego; religião; família e conjugalidade; filhos; e educação. Perante os 40 itens, o sujeito responde à questão *Qual o seu nível de satisfação com?*. As possibilidades de resposta e respectiva cotação correspondem a uma escala tipo *Likert* de cinco pontos, em que 1 corresponde a *insatisfeito*, 2 a *pouco satisfeito*, 3 a *geralmente satisfeito*, 4 a *muito satisfeito*, e 5 a *extremamente satisfeito* (Olson et al., 1985). Um resultado elevado corresponde a uma maior satisfação com a qualidade de vida percebida. Permite obter um indicador global de percepção da qualidade de vida (resultado total), e uma análise por factores.

No estudo de validação para a população portuguesa, obteve-se um *alfa de Cronbach* de 0.922 (M= 125.49; DP= 20.076) para a escala total, sendo semelhante ao alcançado pelos autores originais (Simões, 2008). Para a nossa amostra, obtivemos um *alfa de Cronbach*⁷ de 0.926 (M= 123.81; DP= 18.155). Estes resultados são indicativos de uma boa consistência interna, apontando para a uniformidade entre os itens.

⁶ Anexo II, 3.

⁷ Anexo III, 1.

Questionário Forças Familiares – QFF⁸

O Questionário Forças Familiares, desenvolvido por Melo e Alarcão (2007), é um questionário de auto-resposta, construído com base na proposta de caracterização dos processos de resiliência familiar apresentada por Walsh (2003).

Contempla 29 itens, construídos em função da revisão da literatura e da prática profissional com famílias, que descrevem características relativas ao funcionamento familiar organizados de acordo com os três processos referidos (sistema de crenças familiares, processos organizacionais, comunicação e resolução de problemas). Aos quais os respondentes indicam em que medida consideram que essas características descritivas são parecidas com as da sua família, segundo uma escala tipo *Likert* de 5 pontos (1- *nada parecidas*; 2 – *pouco parecidas*; 3 – *mais ou menos parecidas*; 4 – *bastante parecidas*; 5 – *totalmente parecidas*) (Mendes, 2008).

Os seus itens encontram-se distribuídos por seis factores: crenças e comunicação; capacidade de adaptação; clima familiar positivo e coesão; organização da vida familiar e tomada de decisão; individualidade; e apoio social (Mendes, 2008).

No estudo exploratório acerca deste instrumento, obteve-se um *alfa de Cronbach* de 0.932 para a escala total (Mendes, 2008). Para a nossa amostra, obtivemos um *alfa de Cronbach*⁹ de 0.940 (M= 106.85; DP= 18.565). Estes resultados elevados são indicativos de uma boa consistência interna, sugerindo a correlação entre os itens do questionário.

3.3. Procedimentos de Investigação

O presente estudo insere-se num projecto de investigação mais global, iniciado no ano lectivo 2007/2008, por um grupo de mestrandos de Psicologia Clínica, subárea de especialização em Sistémica, Saúde e Família, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Assim, recorremos a uma amostra por conveniência (Maroco, 2007), recolhida na população geral, pelos mestrandos, no ano lectivo 2008/2009, entre Janeiro e Maio de 2009.

Com o objectivo de standardizar os procedimentos, o protocolo foi aplicado segundo um guião. Este era composto por *Questionário Demográfico*; *Qualidade de Vida*; *F-Copes* e *Forças Familiares*. Os sujeitos responderam, directa e individualmente, a todos os instrumentos pertencentes ao protocolo. O investigador apenas interferiu quando lhe era pedido que clarificasse alguma dúvida. Foi ainda dada liberdade aos sujeitos para que respondessem independentemente da presença dos investigadores.

Os investigadores entregaram aos participantes os protocolos, ordenados como previamente acordado, com informação do projecto e objectivos gerais da investigação. Foi-lhes garantido o anonimato e a confidencialidade das respostas veiculadas, e informado que os questionários apenas seriam consultados e trabalhados pelos investigadores que participaram neste projecto. Após o consentimento informado, dúvidas

⁸ Anexo II, 4.

⁹ Anexo III, 2.

esclarecidas e agradecimentos pela colaboração, os sujeitos levavam os questionários para casa, devolvendo-os, posteriormente, já preenchidos.

3.4. Procedimentos Estatísticos

Com o objectivo de seleccionar as análises estatísticas a efectuar para testar o nosso modelo conceptual, testámos a normalidade e a homogeneidade da distribuição dos dados.

Para testar a normalidade da distribuição dos dados na variável dependente recorreu-se ao teste de *Kolmogorov-Smirnov* e ao teste de *Shapiro-Wilk*¹⁰. Para verificar a homogeneidade das variâncias populacionais foi utilizado o teste de *Levene*.

O teste de *Kolmogorov-Smirnov* e o teste de *Shapiro-Wilk* revelaram que no QV a maior parte dos factores não segue a distribuição normal, uma vez que temos um nível de significância inferior a 0.05, em pelo menos uma das subamostras – *bem-estar financeiro* (GM: *S-W*=0.974; *p*=0.548. GF: *K-S*=0.146; *p*=0.000); *tempo* (GM: *S-W*=0.944; *p*=0.057. GF: *K-S*=0.152; *p*=0.000); *vizinhança e comunidade* (GM: *S-W*=0.953; *p*=0.112. GF: *K-S*=0.133; *p*=0.001); *mass media* (GM: *S-W*=0.915; *p*=0.007. GF: *K-S*=0.167; *p*=0.000); *relações sociais e saúde* (GM: *S-W*=0.927; *p*=0.018. GF: *K-S*=0.138; *p*=0.001); *emprego* (GM: *S-W*=0.944; *p*=0.086. GF: *K-S*=0.171; *p*=0.000); *religião* (GM: *S-W*=0.815; *p*=0.000. GF: *K-S*=0.246; *p*=0.000); *família e conjugalidade* (GM: *S-W*=0.878; *p*=0.001. GF: *K-S*=0.194; *p*=0.000); *filhos* (GM: *S-W*=0.901; *p*=0.017. GF: *K-S*=0.172; *p*=0.000); e *educação* (GM: *S-W*=0.954; *p*=0.124. GF: *K-S*=0.124; *p*=0.005). Apenas o factor *casa* (GM: *S-W*=0.974; *p*=0.498. GF: *K-S*=0.097; *p*=0.060) e a *escala total* (GM: *S-W*=0.951; *p*=0.382. GF: *S-W*=0.951; *p*=0.042) seguem a distribuição normal.

No que diz respeito ao QFF, o teste de *Kolmogorov-Smirnov* e o teste de *Shapiro-Wilk* também revelaram que a maioria dos factores não segue a distribuição normal, uma vez que temos um nível de significância inferior a 0.05, em pelo menos uma das subamostras – *crenças e comunicação* (GM: *S-W*=0.874; *p*=0.001. GF: *K-S*=0.086; *p*=0.200); *capacidade de adaptação* (GM: *S-W*=0.951; *p*=0.100. GF: *K-S*=0.118; *p*=0.006); *individualidade* (GM: *S-W*=0.952; *p*=0.105. GF: *K-S*=0.124; *p*=0.003); e *apoio social* (GM: *S-W*=0.944; *p*=0.058. GF: *K-S*=0.116; *p*=0.008). Apenas os factores *clima familiar positivo e coesão* (GM: *S-W*=0.950; *p*=0.087. GF: *K-S*=0.101; *p*=0.036) e *organização da vida familiar e tomada de decisão* (GM: *S-W*=0.956; *p*=0.143. GF: *K-S*=0.090; *p*=0.160), e a *escala total* (GM: *S-W*=0.980; *p*=0.731. GF: *K-S*=0.092; *p*=0.090) seguem a distribuição normal.

Quanto à homogeneidade¹¹, o teste de *Levene* demonstrou que todos os factores do QV são homogéneos uma vez que temos um nível de significância superior a 0.05 – *bem-estar financeiro* (*F*=0.199; *p*=0.657); *tempo* (*F*=1.140; *p*=0.228); *vizinhança e comunidade* (*F*=0.035; *p*=0.852); *casa* (*F*=1.682; *p*=0.197); *mass media* (*F*=1.950; *p*=0.165); *relações sociais*

¹⁰ Anexo IV, 1 e 2.

¹¹ Anexo V, 1 e 2.

e saúde ($F=0.576$; $p=0.449$); emprego ($F=0.849$; $p=0.359$); religião ($F=0.285$; $p=0.595$); família e conjugalidade ($F=2.286$; $p=0.133$); filhos ($F=0.935$; $p=0.336$); e educação ($F=0.057$; $p=0.812$). Incluindo a escala total ($F=0.655$; $p=0.421$). Já no QFF, apenas dois factores não são homogéneos, capacidade de adaptação ($F=5.300$; $p=0.023$) e organização da vida familiar e tomada de decisão ($F=5.113$; $p=0.026$). A escala total ($F=3.389$; $p=0.068$) e os restantes factores são homogéneos – crenças e comunicação ($F=0.061$; $p=0.805$); clima familiar positivo e coesão ($F=2.756$; $p=0.100$); individualidade ($F=3.832$; $p=0.053$); e apoio social ($F=3.353$; $p=0.070$).

Assim, optou-se por recorrer tanto a testes paramétricos como a testes não paramétricos, consoante o cumprimento do pressuposto de normalidade.

Iniciaremos o teste ao nosso modelo conceptual com a verificação da medida em que os resultados do *Questionário Qualidade de Vida* e do *Questionário Forças Familiares* se encontram correlacionados (escalas totais e dimensões) através de testes de Medidas de Associação para variáveis ordinais ou superiores – R de Pearson ou Rho de Spearman. De seguida, analisaremos a influência do género em cada uma das nossas variáveis dependentes (VD's), recorrendo ao teste *t-Student* para amostras independentes ou ao teste de *Mann-Whitney*, que testam se as médias de duas populações são ou não significativamente diferentes (Maroco, 2007). Investigaremos também a influência conjunta do género com cada uma das variáveis mediadoras nas nossas VD's, através da *Anova two-way*. Este teste permite estudar o efeito de duas variáveis independentes sobre a VD, analisando o grau de interacção entre as duas (Maroco, 2007). Sempre que possível e necessário, recorreremos também a um procedimento de comparação múltipla de médias (Teste de *Bonferroni*). Não se podendo utilizar a *Anova Two-Way* devido à violação do pressuposto de normalidade, iremos recorrer ao teste de *Kruskal-Wallis*, calculando, para cada género, a influência de cada uma das variáveis mediadoras. Para complementar a nossa análise, tivemos curiosidade em cruzar os valores totais do QV e do QFF com o respectivo item único do Questionário Demográfico (uma única questão colocada aos sujeitos que avalia os mesmos parâmetros), para tal utilizámos o R de Pearson.

IV - Resultados

4.1. Correlação Qualidade de Vida/Resiliência Familiares¹²

Ao analisar a correlação entre a qualidade de vida e a resiliência familiares (escala total), verificou-se uma associação linear positiva moderada, estatisticamente significativa ($r=0.508$; $n=66$; $p=0.000$) (Pestana & Gageiro, 2005), ou seja, elevados níveis de percepção de qualidade de vida familiar estão associados a elevados níveis de percepção de resiliência familiar.

No que diz respeito à correlação entre as dimensões destes

¹² Anexo VI, 1.

constructos, existem alguns resultados que importa destacar:

- Associação linear positiva baixa entre o factor *casa* (QV) e os factores *clima familiar positivo e coesão* ($r=0.279$; $n=117$; $p=0.002$), e *organização da vida familiar e tomada de decisão* ($r=0.280$; $n=117$; $p=0.002$) (QFF), ambas estatisticamente significativas.
- Associação linear positiva baixa, estatisticamente significativa, entre o factor *bem-estar financeiro* (QV) e quatro factores do QFF, *crenças e comunicação* ($r_{(S)}=0.324$; $n=110$; $p=0.001$); *capacidade de adaptação* ($r_{(S)}=0.343$; $n=111$; $p=0.000$); *individualidade* ($r_{(S)}=0.209$; $n=111$; $p=0.028$); e *apoio social* ($r_{(S)}=0.343$; $n=111$; $p=0.000$).
- Associação linear positiva baixa, estatisticamente significativa, entre o factor *vizinhança e comunidade* (QV) e os factores *individualidade* ($r_{(S)}=0.264$; $n=119$; $p=0.004$) e *apoio social* ($r_{(S)}=0.255$; $n=119$; $p=0.005$) do QFF.
- Associação linear positiva baixa, estatisticamente significativa, entre o factor *relações sociais e saúde* (QV) e os factores *crenças e comunicação* ($r_{(S)}=0.288$; $n=116$; $p=0.002$); *capacidade de adaptação* ($r_{(S)}=0.307$; $n=117$; $p=0.001$); *individualidade* ($r_{(S)}=0.285$; $n=116$; $p=0.002$); e *apoio social* ($r_{(S)}=0.380$; $n=117$; $p=0.000$) do QFF.
- Associação linear positiva muito baixa, estatisticamente significativa, entre o factor *religião* (QV) e o factor *crenças e comunicação* (QFF) ($r_{(S)}=0.197$; $n=115$; $p=0.035$).
- Associação linear positiva moderada, estatisticamente significativa, entre o factor *família e conjugalidade* (QV) e o factor *crenças e comunicação* (QFF) ($r_{(S)}=0.411$; $n=113$; $p=0.000$).
- Associação linear positiva baixa, estatisticamente significativa, entre o factor *família e conjugalidade* (QV) e os factores *capacidade de adaptação* ($r_{(S)}=0.370$; $n=114$; $p=0.000$); *individualidade* ($r_{(S)}=0.347$; $n=114$; $p=0.000$); e *apoio social* ($r_{(S)}=0.262$; $n=114$; $p=0.005$) (QFF).
- Associação linear positiva baixa, estatisticamente significativa, entre o factor *filhos* (QV) e os factores *capacidade de adaptação* ($r_{(S)}=0.221$; $n=89$; $p=0.037$) e *individualidade* ($r_{(S)}=0.261$; $n=89$; $p=0.014$) (QFF).
- Associação linear positiva baixa, estatisticamente significativa, entre o factor *educação* (QV) e os factores *crenças e comunicação* ($r_{(S)}=0.229$; $n=114$; $p=0.014$) e *capacidade de adaptação* ($r_{(S)}=0.202$; $n=115$; $p=0.031$) (QFF).

Tal significa que resultados elevados na percepção da qualidade de vida familiar estão associados a resultados também elevados na percepção da resiliência familiar.

4.2. Qualidade de Vida Familiar

Influência do Género na percepção da QVF¹³

Os resultados indicam que o género não parece influenciar a percepção da qualidade de vida familiar global ($t(66)=0.802$; $p=0.426$). Relativamente à sua influência nos factores, ambos os géneros apresentam *scores* de percepção semelhantes, embora os homens apresentem,

¹³ Anexo VI, 2.

maioritariamente, médias um pouco mais elevadas. No entanto, as diferenças não se revelaram estatisticamente significativas uma vez que temos um nível de significância superior a 0.05 – *bem-estar financeiro* ($U=1194.000$; $p=0.276$); *tempo* ($U=1396.000$; $p=0.308$); *vizinhança e comunidade* ($U=1524.500$; $p=0.849$); *mass media* ($U=1460.000$; $p=0.572$); *relações sociais e saúde* ($U=1411.500$; $p=0.685$); *emprego* ($U=1208.000$; $p=0.756$); *religião* ($U=1266.000$; $p=0.222$); *família e conjugalidade* ($U=1225.500$; $p=0.224$); *filhos* ($U=792.500$; $p=0.720$); e *educação* ($U=1387.500$; $p=0.648$). Há exceção do factor *casa* que se revela estatisticamente significativo ($t(116)=3.214$; $p=0.002$).

Influência género/idade na percepção da QVF¹⁴

Os resultados obtidos indicam que a interacção entre o género e a idade não se revela estatisticamente significativa ($F=1.404$; $p=0.244$), no que diz respeito à percepção da qualidade de vida familiar global.

Quanto às dimensões da qualidade de vida familiar, parece que ser do género masculino em interacção com a idade, influencia a percepção do factor *relações sociais e saúde* ($X^2_{KW}=11.057$; $p=0.026$). Os indivíduos com idades compreendidas entre os 30 e os 39 anos (*Mean Rank*=26.61), e os 22 e os 29 anos (*Mean Rank*=20.25) apresentem os *scores* de percepção de relações sociais e saúde mais elevados; por outro lado, os indivíduos a partir dos 60 anos (*Mean Rank*=9.44) obtêm os *scores* mais baixos. A interacção com os restantes factores não se revelou estatisticamente significativa uma vez que obtivemos um p superior a 0.05 – *bem-estar financeiro* ($X^2_{KW}=2.614$; $p=0.624$); *tempo* ($X^2_{KW}=7.900$; $p=0.095$); *vizinhança e comunidade* ($X^2_{KW}=0.619$; $p=0.961$); *mass media* ($X^2_{KW}=6.396$; $p=0.171$); *emprego* ($X^2_{KW}=0.539$; $p=0.970$); *religião* ($X^2_{KW}=1.794$; $p=0.774$); *família e conjugalidade* ($X^2_{KW}=4.878$; $p=0.300$); *filhos* ($X^2_{KW}=1.292$; $p=0.863$); e *educação* ($X^2_{KW}=3.850$; $p=0.427$).

A interacção entre o género feminino e a idade parece ser significativa em oito das onze dimensões. Destaca-se o factor *bem-estar financeiro* ($X^2_{KW}=9.627$; $p=0.047$), no qual as mulheres com idades compreendidas entre os 22 e os 29 anos (*Mean Rank*=51.14) e a partir dos 60 anos obtêm *scores* de percepção de bem-estar financeiro mais elevados; ao contrário das mulheres entre os 40 e os 49 anos (*Mean Rank*=30.33) e os 50 e os 59 anos (*Mean Rank*=32.00) que apresentam *scores* mais baixos.

No factor *tempo* ($X^2_{KW}=19.648$; $p=0.001$), as mulheres com idades compreendidas entre os 30 e os 39 anos (*Mean Rank*=37.69), os 40 e os 49 anos (*Mean Rank*=36.54) e os 50 e os 59 anos (*Mean Rank*=28.88) apresentam *scores* de percepção de tempo mais baixos que as mulheres entre os 22 e os 29 anos (*Mean Rank*=58.05) ou com idade superior a 60 anos (*Mean Rank*=63.09).

No factor *mass media* ($X^2_{KW}=15.932$; $p=0.003$), as mulheres com idades compreendidas entre os 30 e os 39 anos (*Mean Rank*=58.12) apresentam uma percepção mais favorável que as mulheres entre os 50 e os 59 anos (*Mean Rank*=30.81).

¹⁴ Anexo VI, 3 e 4.

Por sua vez, o factor *relações sociais e saúde* ($X^2_{KW}=20.569$; $p=0.000$) revela que as mulheres entre os 22 e os 29 anos (*Mean Rank*=56.59) apresentam uma percepção mais favorável acerca desta dimensão que as mulheres entre os 50 e os 59 anos (*Mean Rank*=20.29).

No factor *emprego* ($X^2_{KW}=11.953$; $p=0.018$), a percepção mais favorável parece ser obtida pelas mulheres entre os 22 e os 29 anos (*Mean Rank*=52.77), no outro extremo, temos as mulheres entre os 40 e os 49 anos (*Mean Rank*=29.69) e as mulheres com idade superior a 60 anos (*Mean Rank*=30.50).

No factor *religião* ($X^2_{KW}=9.924$; $p=0.042$), destacam-se as mulheres entre os 30 e os 39 anos (*Mean Rank*=51.33) com os *scores* mais elevados, seguidas das mulheres entre os 22 e os 29 anos (*Mean Rank*=45.64) e a partir dos 60 anos (*Mean Rank*=45); as mulheres entre os 50 e os 59 (*Mean Rank*=33.89) e os 40 e os 49 anos (*Mean Rank*=33.89) apresentam os *scores* mais baixos.

O factor *família e conjugalidade* ($X^2_{KW}=16.414$; $p=0.003$) revela que as mulheres entre os 22 e os 29 anos (*Mean Rank*=63.05) apresentam uma percepção mais favorável a este respeito, no extremo oposto, encontramos as mulheres entre os 40 e os 49 anos (*Mean Rank*=30.69), entre os 50 e os 59 anos (*Mean Rank*=36.15), e com idade superior a 60 anos (*Mean Rank*=36.56).

Finalmente, no factor *educação* ($X^2_{KW}=28.532$; $p=0.000$), os *scores* de percepção são baixos entre as mulheres com idade superior a 60 anos (*Mean Rank*=26.15), mas também entre as mulheres com idades compreendidas entre os 40 e os 49 anos (*Mean Rank*=28.12) e os 50 e os 59 anos (*Mean Rank*=32.71). Só aumentam entre os 30 e os 39 anos (*Mean Rank*=50.40), e sobretudo entre os 22 e os 29 anos (*Mean Rank*=63.80).

Os factores *vizinhança e comunidade* ($X^2_{KW}=8.738$; $p=0.068$); *filhos* ($X^2_{KW}=3.364$; $p=0.499$); e *casa* ($F=1.077$; $p=0.372$) não se revelaram estatisticamente significativos.

Influência género/estado civil na percepção da QVF¹⁵

A *Anova a dois factores* não revela nenhuma interacção estatisticamente significativa entre o género e o estado civil ($F=0.036$; $p=0.850$), no que diz respeito à percepção da qualidade de vida familiar global ($p>0.05$).

Quanto às dimensões da qualidade de vida familiar, o género masculino em interacção com o estado civil parece não influenciar a percepção de cada uma das dimensões da qualidade de vida familiar uma vez que temos um nível de significância superior a 0.05 – *bem-estar financeiro* ($X^2_{KW}=3.744$; $p=0.290$); *tempo* ($X^2_{KW}=1.314$; $p=0.726$); *vizinhança e comunidade* ($X^2_{KW}=2.003$; $p=0.572$); *mass media* ($X^2_{KW}=4.048$; $p=0.256$); *relações sociais e saúde* ($X^2_{KW}=0.921$; $p=0.820$); *emprego* ($X^2_{KW}=1.004$; $p=0.800$); *religião* ($X^2_{KW}=0.154$; $p=0.985$); *família e conjugalidade* ($X^2_{KW}=1.560$; $p=0.458$); *filhos* ($X^2_{KW}=0.089$; $p=0.957$); e *educação* ($X^2_{KW}=1.151$; $p=0.765$).

¹⁵ Anexo VI, 3 e 5.

No que diz respeito à interação entre o género feminino e o estado civil, esta apenas se revela estatisticamente significativa no factor *família e conjugalidade* ($X^2_{KW}=8.852$; $p=0.031$). Os *scores* vão aumentando consoante o estado civil – divorciado (*Mean Rank*=8.88); viúvo (*Mean Rank*=28.75); recasado (*Mean Rank*=36.00); casado (*Mean Rank*=42.10).

Os restantes factores apresentaram um p superior a 0.05 – *bem-estar financeiro* ($X^2_{KW}=3.193$; $p=0.526$); *tempo* ($X^2_{KW}=3.680$; $p=0.451$); *vizinhança e comunidade* ($X^2_{KW}=5.820$; $p=0.213$); *mass media* ($X^2_{KW}=1.995$; $p=7.737$); *relações sociais e saúde* ($X^2_{KW}=2.855$; $p=0.582$); *emprego* ($X^2_{KW}=6.924$; $p=0.140$); *religião* ($X^2_{KW}=1.337$; $p=0.855$); *filhos* ($X^2_{KW}=7.277$; $p=0.064$); *educação* ($X^2_{KW}=4.615$; $p=0.202$).

Influência género/nível socioeconómico na percepção da QVF¹⁶

Os resultados obtidos sugerem a existência de uma interação estatisticamente significativa entre o género e o nível socioeconómico, na percepção da qualidade de vida familiar global ($F=3.188$; $p=0.048$).

Relativamente às suas dimensões, o género masculino em interação com o nível socioeconómico apenas parece influenciar dois factores, *relações sociais e saúde* ($X^2_{KW}=7.181$; $p=0.028$) e *educação* ($X^2_{KW}=11.323$; $p=0.003$). Quanto ao primeiro factor, a percepção vai-se tornando mais favorável à medida que se passa do nível socioeconómico baixo (*Mean Rank*=11.56) e médio (*Mean Rank*=20.24) para o alto (*Mean Rank*=32). Na dimensão *educação* reflecte-se a mesma tendência (baixo – *Mean Rank*=9.75; médio – *Mean Rank*=21.14; alto – *Mean Rank*= 35.30).

Os restantes factores não revelaram resultados estatisticamente significativos – *bem-estar financeiro* ($X^2_{KW}=1.896$; $p=0.387$); *tempo* ($X^2_{KW}=2.068$; $p=0.356$); *vizinhança e comunidade* ($X^2_{KW}=5.264$; $p=0.072$); *mass media* ($X^2_{KW}=1.313$; $p=0.519$); *emprego* ($X^2_{KW}=0.385$; $p=0.825$); *religião* ($X^2_{KW}=0.761$; $p=0.684$); *família e conjugalidade* ($X^2_{KW}=2.743$; $p=0.254$); e *filhos* ($X^2_{KW}=0.750$; $p=0.687$).

O género feminino em interação com o nível socioeconómico também influencia de forma significativa dois factores, *tempo* ($X^2_{KW}=10.939$; $p=0.004$) e *educação* ($X^2_{KW}=9.563$; $p=0.008$). Na primeira dimensão, verificamos que as mulheres obtêm uma percepção mais favorável acerca do tempo, à medida que o nível socioeconómico diminui (alto – *Mean Rank*=19.50; médio – *Mean Rank*=38.28; baixo – *Mean Rank*=52.17). No caso da *educação*, observa-se o oposto, os *scores* de percepção de educação vão aumentando à medida que o nível socioeconómico é mais favorável (baixo – *Mean Rank*=30.11; médio – *Mean Rank*=42.07; alto – *Mean Rank*=59.40).

Esta interação não influenciou de forma significativa os restantes factores – *bem-estar financeiro* ($X^2_{KW}=1.969$; $p=0.374$); *vizinhança e comunidade* ($X^2_{KW}=0.791$; $p=0.673$); *mass media* ($X^2_{KW}=0.299$; $p=0.861$); *relações sociais e saúde* ($X^2_{KW}=0.644$; $p=0.725$); *emprego* ($X^2_{KW}=1.950$; $p=0.377$); *religião* ($X^2_{KW}=1.795$; $p=0.408$); *família e conjugalidade* ($X^2_{KW}=1.051$; $p=0.591$); e *filhos* ($X^2_{KW}=1.058$; $p=0.589$).

¹⁶ Anexo VI, 3 e 6.

Influência género/local de residência na percepção da QVF¹⁷

Os resultados indicam que a interacção entre o género e o local de residência não influencia de forma estatisticamente significativa a percepção da qualidade de vida familiar ($F=0.642$; $p=0.530$), sendo o p superior a 0.05.

O género masculino em interacção com o local de residência também parece não influenciar a percepção das dimensões da qualidade de vida familiar, uma vez que também obtivemos um p superior a 0.05 – *bem-estar financeiro* ($X^2_{KW}=3.017$; $p=0.221$); *tempo* ($X^2_{KW}=3.554$; $p=0.169$); *vizinhança e comunidade* ($X^2_{KW}=0.764$; $p=0.682$); *mass media* ($X^2_{KW}=0.833$; $p=0.659$); *relações sociais e saúde* ($X^2_{KW}=3.685$; $p=0.158$); *emprego* ($X^2_{KW}=0.971$; $p=0.615$); *religião* ($X^2_{KW}=1.831$; $p=0.400$); *família e conjugalidade* ($X^2_{KW}=0.986$; $p=0.611$); *filhos* ($X^2_{KW}=3.063$; $p=0.216$); e *educação* ($X^2_{KW}=1.007$; $p=0.605$).

No entanto, tal não se verifica no que diz respeito à interacção entre o género feminino e o local de residência. Esta interacção parece ter influência sobre os factores *vizinhança e comunidade* ($X^2_{KW}=9.287$; $p=0.010$), *família e conjugalidade* ($X^2_{KW}=9.689$; $p=0.008$), e *educação* ($X^2_{KW}=10.313$; $p=0.006$). No primeiro factor, *vizinhança e comunidade*, as médias das ordens sugerem que a percepção se vai tornando mais favorável à medida que a local de residência se torna urbano (rural – *Mean Rank*=31.46; medianamente urbano – *Mean Rank*=41.78; urbano – *Mean Rank*=50.91). No factor *família e conjugalidade*, as mulheres pertencentes a um local de residência medianamente urbano (*Mean Rank*=34.19) e rural (*Mean Rank*=35.13) obtêm *scores* mais baixos que as mulheres pertencentes a uma zona predominantemente urbana (*Mean Rank*=51.54). Quanto ao factor *educação*, de novo, a percepção é mais favorável se as mulheres pertencerem a locais predominantemente urbanos (rural – *Mean Rank*=28.38; medianamente urbano – *Mean Rank*=40.98; urbano – *Mean Rank*=47.71).

Nos restantes factores observou-se um p superior a 0.05 – *bem-estar financeiro* ($X^2_{KW}=4.646$; $p=0.098$); *tempo* ($X^2_{KW}=0.634$; $p=0.728$); *mass media* ($X^2_{KW}=2.938$; $p=0.230$); *relações sociais e saúde* ($X^2_{KW}=1.021$; $p=0.600$); *emprego* ($X^2_{KW}=2.177$; $p=0.337$); *religião* ($X^2_{KW}=5.265$; $p=0.072$); e *filhos* ($X^2_{KW}=0.109$; $p=0.947$).

Influência género/etapa do ciclo vital na percepção da QVF¹⁸

No caso da interacção entre o género e a etapa do ciclo vital, os resultados indicam a inexistência de uma interacção estatisticamente significativa ($F=1.384$; $p=0.244$). Assim, parece não influenciar a percepção da qualidade de vida familiar global.

O género masculino em interacção com a etapa do ciclo vital segue esta tendência, não influenciando estatisticamente a percepção das dimensões da qualidade de vida familiar ($p>0.05$) – *bem-estar financeiro* ($X^2_{KW}=4.758$; $p=0.575$); *tempo* ($X^2_{KW}=5.388$; $p=0.495$); *vizinhança e comunidade* ($X^2_{KW}=1.052$; $p=0.984$); *mass media* ($X^2_{KW}=9.286$; $p=0.158$); *relações sociais e saúde* ($X^2_{KW}=7.967$; $p=0.240$); *emprego* ($X^2_{KW}=1.392$;

¹⁷ Anexo VI, 3 e 7.

¹⁸ Anexo VI, 3 e 8.

$p=0.966$); *religião* ($X^2_{KW}=6.487$; $p=0.371$); *família e conjugalidade* ($X^2_{KW}=6.562$; $p=0.363$); *filhos* ($X^2_{KW}=1.806$; $p=0.937$); e *educação* ($X^2_{KW}=7.940$; $p=0.243$).

No entanto, tal não se reflecte no que diz respeito à interacção entre o género feminino e a etapa do ciclo vital. Os resultados indicam que a interacção entre o género feminino e a etapa do ciclo vital influencia a percepção dos seguintes factores: *tempo* ($X^2_{KW}=17.846$; $p=0.007$); *relações sociais e saúde* ($X^2_{KW}=17.224$; $p=0.008$); *família e conjugalidade* ($X^2_{KW}=15.684$; $p=0.016$); e *educação* ($X^2_{KW}=20.884$; $p=0.002$).

No factor *tempo*, as mulheres que se encontram nas etapas do ciclo vital família com filhos pequenos ou em idade pré-escolar (*Mean Rank*=36.78), família com filhos em idade escolar (*Mean Rank*=34.55), família com filhos adolescentes (*Mean Rank*=32.32), família lançadora (*Mean Rank*=36.78) e “ninho vazio” (*Mean Rank*=32.63) apresentam *scores* de percepção de tempo baixos; no outro extremo, encontramos as mulheres idosas (*Mean Rank*=63.09) e sem filhos (*Mean Rank*=54.46).

No factor, *relações sociais e saúde*, as mulheres que se encontram na etapa do ciclo vital “ninho vazio” (*Mean Rank*=22.67) e família lançadora (*Mean Rank*=28.30) obtêm os *scores* mais baixos, pelo contrário, as mulheres das etapas casal sem filhos (*Mean Rank*=55.43) e família com filhos adolescentes (*Mean Rank*=51.68) apresentam os *scores* mais elevados.

No factor *família e conjugalidade*, os *scores* de percepção mais elevados são obtidos pelas mulheres pertencentes à etapa casal sem filhos (*Mean Rank*=59.38), contrastando com as mulheres na etapa família lançadora (*Mean Rank*=29.87) que obtêm os *scores* mais baixos; as restantes etapas apresentam *scores* intermédios.

Finalmente, no que diz respeito à *educação*, as mulheres pertencentes às etapas idosos (*Mean Rank*=26.15) e família lançadora (*Mean Rank*=27.25) detêm as percepções menos favoráveis; numa posição intermédia encontram-se as mulheres das etapas “ninho vazio” (*Mean Rank*=37.50), família com filhos pequenos ou em idade pré-escolar (*Mean Rank*=40.75), família com filhos adolescentes (*Mean Rank*=42.67) e família com filhos em idade escolar (*Mean Rank*=43.27); no outro extremo (mais favorável) encontramos as mulheres da etapa casal sem filhos (*Mean Rank*=59.23).

Nos restantes factores observou-se um p superior a 0.05 – *bem-estar financeiro* ($X^2_{KW}=12.354$; $p=0.055$); *vizinhança e comunidade* ($X^2_{KW}=6.366$; $p=0.383$); *mass media* ($X^2_{KW}=7.076$; $p=0.314$); *emprego* ($X^2_{KW}=8.274$; $p=0.219$); *religião* ($X^2_{KW}=7.685$; $p=0.262$); e *filhos* ($X^2_{KW}=5.234$; $p=0.514$).

Correlação item único/QV Total¹⁹

Segundo a classificação proposta por Pestana e Gageiro (2005), existe uma associação linear positiva moderada entre o item único *como é que avalia a qualidade de vida da família?* (Questionário Demográfico) e a Qualidade de Vida Familiar Total ($r=0.588$; $p=0.000$), sendo esta estatisticamente significativa. Assim, elevados níveis de percepção no item

¹⁹ Anexo VI, 9.

único estão associados a elevados níveis de percepção de qualidade de vida familiar global.

4.3. Resiliência Familiar

Influência do Género na percepção da RF²⁰

Os resultados indicam que o género não parece influenciar nem a percepção da resiliência familiar global ($t(116)=1.060$; $p=0.292$), nem os seus factores – *crenças e comunicação* ($U=1444.500$; $p=0.589$); *capacidade de adaptação* ($U=1445.000$; $p=0.520$); *clima familiar positivo e coesão* ($t(118)=0.745$; $p=0.457$); *organização da vida familiar e tomada de decisão* ($t(101.544)=0.870$; $p=0.386$); *individualidade* ($U=1535.000$; $p=0.896$); e *apoio social* ($U=1392.500$; $p=0.346$) – uma vez que temos um nível de significância superior a 0.05.

Influência género/idade na percepção da RF²¹

Os resultados obtidos com a *Anova a dois factores* indicam a inexistência de uma interacção estatisticamente significativa entre o género e a idade ($F=0.685$; $p=0.604$). Isso significa que esta interacção não influencia a percepção da resiliência familiar global.

Relativamente às suas dimensões verifica-se o mesmo facto, a interacção entre o género e a idade parece não ter um efeito estatisticamente significativo quer na percepção da resiliência familiar global quer ao nível das suas dimensões, uma vez que obtivemos um p superior a 0.05 – *clima familiar positivo e coesão* ($F=0.676$; $p=0.610$); *organização da vida familiar e tomada de decisão* ($F=0.297$; $p=0.879$); género masculino: *crenças e comunicação* ($X^2_{KW}=0.519$; $p=0.972$), *capacidade de adaptação* ($X^2_{KW}=2.796$; $p=0.593$), *individualidade* ($X^2_{KW}=5.591$; $p=0.232$), e *apoio social* ($X^2_{KW}=4.311$; $p=0.366$); género feminino: *crenças e comunicação* ($X^2_{KW}=3.015$; $p=0.555$), *capacidade de adaptação* ($X^2_{KW}=4.320$; $p=0.364$), *individualidade* ($X^2_{KW}=1.348$; $p=0.853$), e *apoio social* ($X^2_{KW}=4.989$; $p=0.288$).

Influência género/estado civil na percepção da RF²²

Os resultados indicam que a interacção entre o género e o estado civil não é estatisticamente significativa, não influenciando quer a percepção da resiliência familiar global ($F=0.531$; $p=0.662$), quer as suas dimensões ($p>0.05$) – *clima familiar positivo e coesão* ($F=0.711$; $p=0.547$); *organização da vida familiar e tomada de decisão* ($F=0.713$; $p=0.546$); género masculino: *crenças e comunicação* ($X^2_{KW}=6.049$; $p=0.109$), *capacidade de adaptação* ($X^2_{KW}=4.909$; $p=0.179$), *individualidade* ($X^2_{KW}=5.928$; $p=0.115$), e *apoio social* ($X^2_{KW}=4.532$; $p=0.209$); género feminino: *crenças e comunicação* ($X^2_{KW}=7.653$; $p=0.105$), *capacidade de adaptação* ($X^2_{KW}=8.123$; $p=0.087$), *individualidade* ($X^2_{KW}=5.689$; $p=0.224$), e *apoio social* ($X^2_{KW}=0.453$; $p=0.978$).

²⁰ Anexo VII, 1.

²¹ Anexo VII, 2.

²² Anexo VII, 2.

Influência género/nível socioeconómico na percepção da RF²³

Mais uma vez, os resultados indicam que a interacção entre o género e o nível socioeconómico não é estatisticamente significativa, não influenciando quer a percepção da resiliência familiar global ($F=0.195$; $p=0.823$), quer as suas dimensões ($p>0.05$) – *clima familiar positivo e coesão* ($F=0.139$; $p=0.870$); *organização da vida familiar e tomada de decisão* ($F=0.239$; $p=0.788$); género masculino: *crenças e comunicação* ($X^2_{KW}=0.001$; $p=0.999$), *capacidade de adaptação* ($X^2_{KW}=0.441$; $p=0.802$), *individualidade* ($X^2_{KW}=0.520$; $p=0.771$), e *apoio social* ($X^2_{KW}=1.026$; $p=0.599$); género feminino: *crenças e comunicação* ($X^2_{KW}=1.076$; $p=0.584$), *capacidade de adaptação* ($X^2_{KW}=3.690$; $p=0.158$), *individualidade* ($X^2_{KW}=1.258$; $p=0.533$), e *apoio social* ($X^2_{KW}=0.645$; $p=0.724$).

Influência género/local de residência na percepção da RF²⁴

Os resultados sugerem a existência de uma interacção estatisticamente significativa entre o género e o local de residência ($F=3.545$; $p=0.032$) no que diz respeito à percepção de resiliência familiar global. Assim, podemos concluir que esta interacção influencia estatisticamente a percepção de resiliência familiar global. Apesar disso, o teste *post-hoc* de *Bonferroni* não encontra diferenças estatisticamente significativas entre as três categorias desta variável ($p>0.05$).

Relativamente à sua influência nas dimensões da resiliência familiar, esta é estatisticamente significativa nos factores *clima familiar positivo e coesão* ($F=3.637$; $p=0.029$), e *organização da vida familiar e tomada de decisão* ($F=3.131$; $p=0.047$). No entanto, de acordo com o teste *post-hoc* de *Bonferroni* não se encontram diferenças estatisticamente significativas entre as várias categorias de cada uma das variáveis ($p>0.05$).

O género masculino em interacção com o local de residência parece não influenciar a percepção das dimensões da resiliência familiar uma vez que obtivemos um nível de significância superior a 0.05 – *crenças e comunicação* ($X^2_{KW}=3.670$; $p=0.160$); *capacidade de adaptação* ($X^2_{KW}=5.491$; $p=0.064$); *individualidade* ($X^2_{KW}=2.533$; $p=0.282$); e *apoio social* ($X^2_{KW}=3.472$; $p=0.176$).

No que diz respeito à interacção entre o género feminino e o local de residência, esta apenas se revelou estatisticamente significativa no factor *individualidade* ($X^2_{KW}=7.878$; $p=0.019$). As mulheres pertencentes a uma zona predominantemente urbana (*Mean Rank*=51.54) apresentam *scores* mais elevados que as mulheres que residem numa zona predominantemente rural (*Mean Rank*=34.91) ou medianamente urbana (*Mean Rank*=37.69).

Nos restantes factores observou-se um p superior a 0.05 – *crenças e comunicação* ($X^2_{KW}=5.635$; $p=0.060$); *capacidade de adaptação* ($X^2_{KW}=0.164$; $p=0.921$); e *apoio social* ($X^2_{KW}=4.524$; $p=0.104$).

²³ Anexo VII, 2.

²⁴ Anexo VII, 2 e 3.

Influência género/etapa do ciclo vital na percepção da RF²⁵

Os resultados apontam que a interacção entre o género e a etapa do ciclo vital não é estatisticamente significativa, não influenciando quer a percepção da resiliência familiar global ($F=0.706$; $p=0.645$), quer as suas dimensões ($p>0.05$) – *clima familiar positivo e coesão* ($F=0.604$; $p=0.767$); *organização da vida familiar e tomada de decisão* ($F=0.970$; $p=0.450$); género masculino: *crenças e comunicação* ($X^2_{KW}=0.780$; $p=0.993$), *capacidade de adaptação* ($X^2_{KW}=3.466$; $p=0.749$), *individualidade* ($X^2_{KW}=5.688$; $p=0.459$), e *apoio social* ($X^2_{KW}=9.122$; $p=0.167$); género feminino: *crenças e comunicação* ($X^2_{KW}=9.024$; $p=0.172$), *capacidade de adaptação* ($X^2_{KW}=8.169$; $p=0.226$), e *individualidade* ($X^2_{KW}=8.996$; $p=0.174$).

Há excepção da interacção entre o género feminino e a etapa do ciclo vital no que diz respeito ao factor *apoio social* ($X^2_{KW}=13.752$; $p=0.033$). Os resultados apontam que esta interacção influencia a percepção de *apoio social*, especificamente, as mulheres que se encontram na etapa do ciclo vital “ninho vazio” ($Mean Rank=20.63$), seguidas das que se encontram nas etapas família com filhos pequenos ou em idade pré-escolar ($Mean Rank=25.83$), família lançadora ($Mean Rank=36.95$) e família com filhos em idade escolar ($Mean Rank=38.86$) apresentam *scores* de percepção de apoio social mais baixos que as mulheres que se encontram na etapa família com filhos adolescentes ($Mean Rank=52.71$), ou mesmo idosos ($Mean Rank=49.30$) ou casal sem filhos ($Mean Rank=49.32$).

Correlação Item Único/QFF Total²⁶

Segundo a classificação proposta por Pestana e Gageiro (2005), existe uma associação linear positiva moderada entre o item único *como é que avalia as forças/capacidades da família para lidar com os problemas/dificuldades?* (Questionário Demográfico) e as Forças Familiares Total ($r=0.577$; $p=0.000$), revelando-se também estatisticamente significativa. Assim, elevados níveis de percepção no item único estão associados a elevados níveis de percepção de resiliência familiar global.

V - Discussão

Existem poucos estudos acerca da influência do género na percepção da qualidade de vida e da resiliência familiares. Assim, antes de iniciarmos a reflexão sobre os resultados alcançados com a nossa amostra, é importante destacar que o nosso estudo é exploratório e qualquer hipótese ou reflexão sugerida, constitui apenas possíveis leituras acerca dos resultados obtidos. Portanto, são necessários alguns cuidados quanto à sua generalização para a população geral. No entanto, cremos que os dados obtidos poderão fornecer informações importantes acerca desta temática.

Iniciamos a nossa discussão pela *Qualidade de Vida Familiar*.

Ao analisarmos a influência do **género** na percepção da qualidade de

²⁵ Anexo VII, 2 e 4.

²⁶ Anexo VII, 5.

vida familiar verificámos que esta não existia, nem globalmente nem em todas as suas dimensões, apenas numa, *casa*. Tal pode-se dever ao facto de a sociedade atribuir, aos homens e às mulheres, constelações de comportamentos distintos, considerados adequados e socialmente desejáveis. Os papéis de género são culturalmente determinados e ensinados através da socialização, apelando a comportamentos distintos (Vieira, 2006). A divisão do trabalho é um exemplo disso (Deaux & LaFrance, 1998, como citado em Vieira, 2006). Os homens têm maior probabilidade de desempenhar profissões remuneradas e as mulheres de ocupar o papel de “donas-de -casa” e assumir a responsabilidade pela educação dos filhos. Na esfera familiar a distribuição das tarefas parece permanecer desigual (Vieira, 2006). Neste sentido, não é de estranhar que homens e mulheres possam diferir no que diz respeito à percepção das responsabilidades domésticas e das necessidades individuais e familiares.

Estes resultados não se encontram, totalmente, de acordo com as nossas expectativas, uma vez que esperávamos encontrar algumas diferenças de género nas várias dimensões da qualidade de vida familiar. Além disso, estes resultados não vão de encontro ao sugerido na literatura, nomeadamente ao estudo de Rettig e Leichtentritt (1999), que verificaram a existência de diferenças de género na percepção de bem-estar familiar, considerado um indicador de qualidade de vida familiar; entre outros estudos (McLanahan & Adams, 1987; Pittman & Lloyd, 1988; como citado em Mills et al., 1992). No entanto, corroboram a ideia de Williams (2003) de que as diferenças de género têm diminuído; e de Mercier e colaboradores (1998) de que o género tem pouca influência na qualidade de vida subjectiva.

Tal como Davidoff (2001) refere, as semelhanças entre homens e mulheres são, frequentemente, mais marcantes do que as suas diferenças.

A interacção entre o **género e a idade** não influencia a percepção da qualidade de vida familiar global. No entanto, observam-se alguns efeitos significativos no que diz respeito às dimensões deste construto. Ser do género feminino em interacção com a idade influencia mais factores do que o género masculino/idade.

Tal poderá dever-se ao facto do comportamento relacionado com o género ser determinado por múltiplos factores, em que as experiências e as situações desempenham um papel tão importante como o da biologia; ideia partilhada por muitos investigadores (Daly & Wilson, 1983; Deaux, 1985, como citado em Davidoff, 2001). Além disso, diversas investigações ao longo dos últimos 35/40 anos têm apontado, sistematicamente, para uma diferença entre os sexos e as gerações, relativamente, às atitudes manifestadas para com as tarefas e responsabilidades conferidas a cada um dos sexos. As mulheres tendem a mostrar-se, consistentemente, cada vez menos conservadoras do que os homens, quanto aos papéis de género; no seio da família, os homens tendem a assumir atitudes menos igualitárias do que as mulheres; e os indivíduos mais novos, de ambos os sexos, costumam ser mais liberais do que os seus pais (Spence & Helmreich, 1978; Dambrot, Papp, & Whitmore, 1984; Loo & Thorpe, 1998, como citado em Vieira, 2006).

O género em interacção com a idade influencia a percepção do factor *relações sociais e saúde*. Os indivíduos do género masculino com idades compreendidas entre os 22 e os 39 anos apresentam uma percepção mais favorável que os indivíduos a partir dos 60 anos. Nas mulheres, a percepção mais favorável situa-se entre os 22 e os 29 anos e a percepção menos favorável entre os 50 e os 59 anos. Actualmente, assiste-se a um prolongamento dos estudos o que, juntamente, com a conseqüente entrada no mundo do trabalho, permite aos jovens o estabelecimento e manutenção de relações sociais. Por outro lado, o envelhecimento e a reforma podem-se transformar num período de maior tristeza devido a incapacidade ou falta de condições para atingir os objectivos (Alarcão, 2006). Estes sujeitos podem perceber as alterações como “não ter nada para fazer”; quebra do rendimento; perda de sentido da finalidade; redução dos contactos sociais; solidão e declínio na saúde. Predomina o mito de que os idosos são associados a fraqueza, debilidade, doença e incapacidade; e do abandono familiar nesta fase (Relvas, 1996).

Na dimensão *bem-estar financeiro*, as mulheres com idades compreendidas entre os 22 e os 29 anos e a partir dos 60 anos têm uma percepção mais favorável que as mulheres entre os 40 e os 59 anos. Actualmente, o nosso país enfrenta graves problemas económicos e predomina o desemprego. Num estudo realizado pelo I.N.E (2010) verificou-se que a taxa de desemprego aumentou em todos os grupos etários, sobretudo, entre os 35 e os 45 anos e a partir dos 45 anos; sendo superior nas mulheres. Além disso, em 2008, a taxa de risco de pobreza era mais elevada nas mulheres, sendo estas também a maioria dos beneficiários do Rendimento Social de Inserção (I.N.E., 2010). De facto, a pobreza atinge, particularmente, as mulheres. Para tal contribui a especificidade da sua participação na vida familiar, económica e social. Apesar da maior esperança de vida, as idosas encontram-se, muitas vezes, em condições precárias (recursos económicos, isolamento) (Canço, Silva, & Gradim, 2007).

Aspectos que também parecem ajudar a explicar o porquê das mulheres entre os 22 e os 29 anos apresentarem uma percepção mais favorável do que as mulheres entre os 40 e os 49 anos, no factor *emprego*. As mulheres a partir dos 60 anos também percebem uma menor qualidade de vida familiar nesta dimensão. Tal pode prender-se com o facto das mulheres idosas apresentarem elevadas taxas de analfabetismo (Canço et al., 2007). Além disso, pode ligar-se ao facto de terem sido “donas-de-casa” ao longo da sua vida, ou estarem na idade da reforma. Sugerindo também que as entidades empregadoras parecem preferir pessoas mais jovens.

No factor *tempo*, as mulheres entre os 22 e os 29 anos ou com idade superior a 60 anos apresentam *scores* mais elevados de percepção de tempo, comparativamente às mulheres entre os 30 e os 59 anos. As mulheres entre os 30 e os 59 anos tendem a apresentar mais obrigações (trabalho, família, filhos, lazer), tendo que assumir múltiplos papéis e executar numerosas actividades. Com o envelhecimento e, conseqüentemente, reforma, os indivíduos passam a dispor de mais tempo do que no passado, não sabendo, por vezes, como o ocupar. A geração intermédia poderá sentir inveja destes,

já que dispõem de tempo de lazer e podem não precisar de utilizar todo o tempo que têm para realizar as suas obrigações (Alarcão, 2006). Além disso, o modelo social dominante continua a atribuir às mulheres a principal responsabilidade pelos cuidados prestados no domínio familiar; e aos homens a responsabilidade pelo trabalho profissional. Consequentemente, as mulheres têm responsabilidades familiares e profissionais excessivas, o que dificulta as suas opções profissionais e pessoais, prejudicando também os homens no desempenho do seu papel na família (parentalidade) (Canço et al., 2007).

No factor *mass media*, são as mulheres com idades compreendidas entre os 30 e os 39 anos que apresentam uma percepção mais favorável, ao contrário das mulheres entre os 50 e os 59 anos. Estes resultados podem prender-se com o efeito da geração. Com as mudanças sociais que ocorreram nos últimos anos, passaram a abordar-se temas que, antigamente, eram “tabu”. Além disso, as mulheres mais jovens podem ter um acesso mais fácil aos filmes e à leitura. Também não podemos esquecer que a taxa de analfabetismo é elevada junto das mulheres mais idosas.

No factor *religião*, as mulheres entre os 40 e os 59 anos apresentam os *scores* mais baixos. Pelo contrário, as mulheres entre os 30 e os 39 anos obtêm os *scores* mais elevados, seguidas das mulheres entre os 22 e os 29 anos e a partir dos 60 anos. De facto, os dados estatísticos tendem a confirmar a observação do senso comum de que as mulheres investem mais na religião do que os homens. Apesar de a religião ser um campo de investimento masculino por excelência, ao nível da definição das normas, regras e doutrinas, são as mulheres que investem no campo da prática religiosa, nos rituais e na sua transmissão (Rosado-Nunes, 2005).

No factor *família e conjugalidade*, são as mulheres entre os 22 e os 29 anos que revelam uma percepção mais favorável. Em oposição, encontram-se as mulheres a partir dos 60 anos. As primeiras podem estar a começar a seu ciclo vital, com a formação do casal. Esta etapa corresponde à criação de um novo sistema, uma nova família, com normas e padrões transaccionais próprios e específicos, e que implica também a criação do subsistema conjugal (Relvas, 1996). Por outro lado, a partir dos 60 anos os indivíduos podem pertencer às etapas do ciclo vital família lançadora e idosos. Existe a ideia de que esta fase é particularmente difícil para as mulheres, que ficam destituídas da sua função sociocultural e económica mais relevante, a prestação de cuidados associados à maternidade. Há a dificuldade do casal se reencontrar uma vez que se encontra sozinho no seu “ninho vazio de filhos” (Relvas, 1996). O casal tem que reaprender o *eu*, o *tu* e, principalmente, o *nós*.

Finalmente, o factor *educação*, no qual as mulheres a partir dos 40 anos têm *scores* baixos, comparativamente com as mulheres entre os 22 e os 39 anos. Tal pode dever-se ao facto da proporção de mulheres sem nenhum grau de instrução ser superior ao dos homens, o que reflecte a situação das mulheres mais idosas, que apresentam elevadas taxas de analfabetismo (Canço et al., 2007). Além disso, o acesso à educação melhorou. Segundo o I.N.E. (2010), no ano de 2008 a representação das mulheres reforçou-se no

ensino superior.

Relativamente à interacção entre o **género e o estado civil**, esta parece não influenciar a percepção da qualidade de vida familiar global. Quanto às suas dimensões, o mesmo se reflecte no que diz respeito ao género masculino mas não em relação em género feminino.

A interacção género feminino/estado civil influencia a percepção da dimensão *família e conjugalidade*. As mulheres recasadas e casadas apresentam uma percepção mais favorável que as mulheres divorciadas e viúvas. Dada a ausência do cônjuge (divórcio ou viuvez), a conjugalidade transforma-se, deixando o subsistema conjugal de existir (Alarcão, 2006). Assim, tal como Alarcão (2006) refere, as suas potencialidades para a vida familiar ficam perturbadas, designadamente, o apoio emocional para a resolução de problemas (intra e extra-familiares); a articulação da comunicação simétrica e complementar; o sentimento de individualidade e de pertença; e a modelação das relações heterossexuais dos filhos. Também podem surgir dificuldades ao nível da parentalidade, nomeadamente, a impossibilidade de partilhar tarefas e da complementaridade de papéis. Além das implicações que a mágoa comporta (Alarcão, 2006). O estudo realizado por Mills e colaboradores (1992) parece apontar nesse sentido, nas pessoas casadas, a satisfação com a vida familiar influencia o bem-estar psicológico (Mills, 1992). Esta conclusão leva-nos a pensar que a hipótese, apontada por Williams (1988, como citado em Mills et al., 1992), de que para muitas mulheres, a qualidade dos relacionamentos nas suas famílias é considerada central para o seu bem-estar, poderá ser verídica.

A interacção **género/nível socioeconómico** influencia a percepção da qualidade de vida familiar global e algumas das suas dimensões. De facto, o nível socioeconómico afecta todo o funcionamento humano, incluindo o desenvolvimento da vida e da saúde física e mental. A variabilidade existente no nível socioeconómico, incluindo as disparidades na distribuição da saúde, da renda e no acesso aos recursos, afecta todas as pessoas (American Psychological Association, n.d.). No entanto, as mulheres são sobre-representadas entre aqueles que vivem na pobreza. Sendo o nível socioeconómico um factor-chave na determinação da qualidade de vida das mulheres, afectando também a vida das crianças e da família. Historicamente, nos E.U.A., os homens são mais bem pagos do que as mulheres, mesmo quando têm o mesmo nível de escolaridade ou a mesma profissão (APA, n.d.). Em Portugal, no ano de 2007, a taxa de desemprego e o desemprego de longa duração foi superior nas mulheres. Além disso, as mulheres ganham cerca de 23% menos que os homens (Dornelas, 2006, como citado por Cerdeira, 2009). Assim, o baixo salário, juntamente, com uma maior esperança de vida e uma maior responsabilidade para tomar conta das crianças, torna mais provável que as mulheres sejam colocadas em situação de desvantagem económica (APA, n.d.).

No entanto, uma vez que a influência não se reflecte apenas no género feminino, os resultados também nos permitem colocar a hipótese de que para os homens o “papel de provedor” surge como fundamental (Blumstein & Schwartz, 1983; Hiller & Philliber, 1986, como citado em Mills et al., 1992),

tal como tem vindo a ser retratado na literatura.

O género masculino cruzado com o nível socioeconómico influenciou a percepção dos factores *relações sociais e saúde*, e *educação*. A percepção vai-se tornando mais favorável à medida que o nível socioeconómico melhora. Possivelmente, as pessoas com um nível socioeconómico mais alto têm um acesso mais facilitado não só à cultura (cinema, museus, galerias de arte, espectáculos) e à educação, mas também a melhores cuidados de saúde. Ainda no que diz respeito à educação, os homens registam uma taxa de abandono escolar mais elevada (I.N.E., 2010). Tal pode estar relacionado com o nível socioeconómico.

O género feminino em interacção com o nível socioeconómico também exerce influência em duas dimensões da qualidade de vida familiar, *tempo* e *educação*. As mulheres pertencentes a um nível socioeconómico alto têm percepções acerca do tempo menos favoráveis do que as mulheres que têm um nível socioeconómico médio ou baixo. Comparativamente aos homens, as mulheres dedicam mais tempo às tarefas domésticas, à prestação de cuidados a crianças e outros dependentes, em contexto familiar ou comunitário (Perista & Lopes, 1999; Perista, 1999; 2002; Crompton, 1999, como citado por Cerdeira, 2009). Além disso, é possível que as mulheres com um nível socioeconómico alto tenham uma carreira exigente e que implique várias obrigações. Assim, conciliar a família, o trabalho, os filhos e tempo para si própria não é muito fácil. Por outro lado, as mulheres com um nível socioeconómico alto têm uma percepção mais favorável acerca da educação do que as mulheres com um nível socioeconómico baixo ou mesmo médio. Tal como se verifica no caso dos homens, o nível socioeconómico parece influenciar o acesso à educação, principalmente, o prosseguimento dos estudos. Uma mulher com um nível socioeconómico baixo, provavelmente, teve que deixar os estudos e começar a trabalhar, no sentido de aumentar o rendimento da família.

A interacção **género/local de residência** não exerce influência na percepção da qualidade de vida familiar global. Relativamente às dimensões deste constructo, apenas a interacção género feminino/local de residência parece ter influência. Especificamente nos factores *vizinhança e comunidade, família e conjugalidade* e *educação*.

Nos factores *vizinhança e comunidade* e *educação*, a percepção vai-se tornando mais favorável à medida que o local de residência se torna urbano. Estes resultados podem dever-se ao facto da maioria das escolas, comércio, transportes e serviços de saúde terem maior probabilidade de se situarem em zonas mediana e predominantemente urbanas. Assim, as pessoas residentes nestas áreas têm um acesso mais facilitado a estes serviços comparativamente às pessoas residentes em áreas rurais.

No factor *família e conjugalidade*, as mulheres pertencentes a um local de residência rural e medianamente urbano têm uma percepção menos favorável que as mulheres residentes numa zona urbana. Tal pode dever-se ao facto das tradições continuarem mais “vivas” nas zonas rurais, o que pode dar origem ao “juízo social” e à “pressão social” sobre as pessoas que contrariam esses ideais, sobretudo nas mulheres. O caso do divórcio, das

uniões de facto e dos filhos fora do casamento é um exemplo disso. Nas zonas urbanas, as mulheres podem sentir-se livres desses “preconceitos”. Além disso, nas zonas urbanas, o acesso a outros recursos é facilitado, permitindo a criação de triangulações saudáveis, desviando, assim, as tensões e os conflitos conjugais.

Finalmente, quanto à **interacção género/etapa do ciclo vital**, esta não influencia a percepção da qualidade de vida familiar global. Nas suas dimensões, apenas a interacção género feminino/etapa do ciclo vital exerce influência. Especificamente, *tempo, relações sociais e saúde, família e conjugalidade e educação*.

No factor *tempo*, as mulheres que se encontram nas etapas do ciclo vital família com filhos pequenos ou em idade pré-escolar, família com filhos em idade escolar, família com filhos adolescentes, família lançadora e “ninho vazio” apresentam uma percepção de tempo baixa. Com os *scores* mais elevados encontramos as mulheres idosas e sem filhos. Com o nascimento dos filhos, surge um novo subsistema, o subsistema parental, que implica novas funções e tarefas, e um conjunto de reorganizações relacionais intra e inter-familiares, incluindo inter-sistémicas (Alarcão, 2006). Assim, parece implicar uma maior gestão entre o tempo para o casal, para a família, para os filhos, para o emprego e para o indivíduo.

No factor *relações sociais e saúde*, as mulheres que se encontram na etapa do ciclo vital “ninho vazio” e família lançadora obtêm uma percepção mais baixa. Pelo contrário, as mulheres das etapas casal sem filhos e família com filhos adolescentes apresentam os *scores* mais elevados. Com a formação do casal ocorrem movimentos centrípetos, havendo um fecho do sistema ao exterior. Quando surge um novo elemento, inicia-se, progressivamente, a abertura ao exterior que atingirá o seu auge na etapa família com filhos adolescentes. Nesta etapa, há o alargamento do espectro relacional (escola, comunidade, grupo de pares) e o confronto com diferentes valores, normas e comportamentos (Alarcão, 2006).

No factor *família e conjugalidade*, as mulheres pertencentes à etapa do ciclo vital casal sem filhos obtêm uma percepção mais favorável, ao contrário das mulheres na etapa família lançadora. As restantes etapas apresentam *scores* intermédios. Tal pode ser justificado pelo facto de o casamento criar um novo sistema, uma nova família, formando-se também um novo subsistema, o conjugal. Este período caracteriza-se sobretudo por movimentos centrípetos e de fecho relativamente a outros sistemas, que irão permitir a criação do novo modelo conjugal (reorganização, diferenciação e negociação) (Alarcão, 2006). Portanto, há um maior investimento na família e na conjugalidade. Há medida que se vai formando, o casal começa a abrir-se, progressivamente, ao exterior (família, amigos). Por outro lado, a saída dos filhos de casa pode ser encarada como uma etapa de liberdade e de tristeza uma vez que as mudanças, as transformações e as reavaliações relacionais que exige, podem originar algum sentimento de perda e de desconforto (Alarcão, 2006).

Finalmente, no que diz respeito à *educação*, as mulheres pertencentes às etapas idosos e família lançadora detêm as percepções menos favoráveis;

numa posição intermédia encontram-se as mulheres das etapas “ninho vazio”, família com filhos pequenos ou em idade pré-escolar, família com filhos adolescentes e família com filhos em idade escolar; no outro extremo (mais favorável) encontramos as mulheres da etapa casal sem filhos. Ao analisarmos estes resultados, não podemos esquecer a idade destas mulheres. Houve grandes progressos no que diz respeito à educação ao longo dos anos. Assim, é compreensível que as mulheres mais novas tenham obtido um nível de escolaridade mais elevada encontrando-se, por isso, mais satisfeitas.

Agora, iremos debruçar-nos sobre a *Resiliência Familiar*.

Ao analisarmos a influência do **género** na percepção da resiliência familiar verificámos que esta não existia, nem globalmente nem ao nível das suas dimensões. Os resultados obtidos não vão de encontro às nossas expectativas, uma vez que esperávamos que se observasse alguma influência ao nível das dimensões da resiliência familiar.

Tal pode dever-se ao facto das diferenças de género serem, em parte, construções sociais (Nogueira, 2001, como citado em Vieira, 2006). O que vai de encontro às ideias do construcionismo social que defende que o conhecimento é socialmente construído, não existindo uma versão única da verdade. Os significados são construídos através do discurso e os indivíduos são vistos como passíveis de expressões múltiplas (Davis & Gergen, 1997, como citado em Vieira, 2006). O género é uma categoria socialmente construída e as relações entre os dois sexos não são mais que relações sociais (Lorber, 1986, como citado em Vieira, 2006). Este pressuposto deve-se à constatação de diferenças entre culturas na atribuição dos papéis de género aos indivíduos, em função da categoria social a que pertencem (Vieira, 2006). Assim, os indivíduos não possuem um género, eles “fazem o género” ou desempenham o género (West & Zimmerman, 1987, como citado em Vieira, 2006). O género não é um atributo dos indivíduos mas um meio de dar sentido às interacções (Crawford, 1997, como citado em Vieira, 2006).

Conger e Conger (2002) defendem a existência de um conjunto de eventos e condições que podem influenciar adversamente os indivíduos e as famílias. Diferentes domínios de adversidade podem surgir a diferentes elementos da família, podendo existir diferenças sistemáticas na resposta a esses mesmos eventos. Sugerindo que essas diferenças nas respostas se poderiam dever ao género, no entanto, tal não se reflecte no nosso estudo. A resiliência familiar depende de uma série de aspectos, tais como os factores de risco e de protecção (Rutter, 1999), únicos para cada família (DeHaan et al., 2002); do contexto; do nível desenvolvimental; e das perspectivas partilhadas pela família (Hawley & Dehaan, 1996). Sendo também influenciada por *stress* e tensões de vida (Conger & Conger, 2002).

Por outro lado, os resultados por nós alcançados parecem ir de encontro ao resultado obtido pelos investigadores do *The International Resilience Research Project* (1997). Esta equipa procurou examinar a promoção da resiliência em crianças até aos doze anos, procurando averiguar as semelhanças e as diferenças de idade, género e cultura/etnia. Verificaram a inexistência de diferenças ao nível do género (Grotberg, 1997).

O mesmo se reflecte no que diz respeito à interacção **género/idade**,

género/estado civil e género/nível socioeconómico. Estas interacções não influenciam a percepção da resiliência familiar global nem das suas dimensões. As famílias não são sempre resilientes em todas as circunstâncias. Os vários contextos em que a família se encontra inserida (desenvolvimental, histórico e cultural) interagem com a sua própria estrutura e dinâmicas (Hawley, 2000). Daí a importância de uma perspectiva ecológica e desenvolvimental. Novas vulnerabilidade e forças vão emergindo com a mudança das circunstâncias de vida (Hawley & Dehaan, 1996; Walsh, 1996; 2002; 2003; Luthar et al., 2000). O que permite colocar a hipótese de que, ao longo do tempo, os indivíduos vão adquirindo novas “ferramentas” que lhe vão permitir superar as adversidades e encontrar um equilíbrio. Apesar de surgirem tensões, os indivíduos conseguem contrabalançá-las através dos seus factores de protecção e dos recursos que vão adquirindo ao longo do tempo. O que vai de encontro à ideia de Walsh (1996) de que cada família possui a capacidade para se auto-restabelecer. Especificamente, no que diz respeito à interacção género/nível socioeconómico, mais uma vez, os resultados alcançados na investigação do *The International Resilience Research Project* (1997) foram de encontro aos nossos. Verificou-se que o nível socioeconómico tem um impacto insignificante na quantidade e tipo de comportamento resiliente promovido (Grotberg, 1997).

A tendência que se tem verificado até ao momento não se reflecte na interacção **género/local de residência.** A interacção entre estas variáveis influencia significativamente a percepção da resiliência familiar global. O mesmo ocorre em duas dimensões deste constructo, *clima familiar positivo e coesão* e *organização da vida familiar e tomada de decisão.*

Para superar as adversidades/crise que estão a enfrentar, a família poderá ter que recorrer a recursos exteriores (sociais e comunitários). O acesso a estes recursos poderá ser condicionado ou inexistente dependendo do local de residência da família. Além disso, a família nem sempre pode contar com a presença física da família alargada e com o seu apoio. Segundo Walsh (2002), a resiliência familiar é guiada por uma orientação *bio-psico-social*, onde problemas e soluções são vistos à luz das múltiplas influências recursivas. É fundamental identificar potenciais recursos relacionais dentro e fora da família nuclear, incluindo a comunidade. A forma como a família responde às adversidades e aos desafios influencia a adaptação imediata e a longo prazo de todos os membros da família e desta enquanto unidade (Walsh, 1996).

No que diz respeito à dimensão *clima familiar positivo e coesão*, a interacção género/local de residência pode influenciar (positiva ou negativamente) o desenvolvimento de um dos processos-chave da resiliência familiar identificados por Walsh (2002), o sistema de crenças. A partilha de crenças por parte da família é importante pois ajuda os membros da família a atribuir significado às adversidades, contextualizá-las, normalizá-las, procurar as suas causas e explicações; facilita a coragem, a iniciativa, e um olhar positivo e esperançoso; e proporciona valores transcendentais, espirituais e um propósito (Walsh, 2002; 2003). Assim, podemos colocar a

hipótese de o local de residência influenciar o desenvolvimento do sentimento de pertença, o acesso a múltiplos recursos (sociais, comunitários, saúde), o contacto com a família alargada, e o suporte social.

Na mesma linha, no que diz respeito à dimensão *organização da vida familiar e tomada de decisão*, parece-nos que esta interacção também influencia o desenvolvimento de um dos processos-chave da resiliência familiar identificados por Walsh (2002), padrões de organização. Mais uma vez, o local de residência pode influenciar o acesso a outros recursos e, sobretudo, a mobilização da família extensa e da rede de apoio social. Segundo Walsh (2002; 2003), é importante a existência de uma estrutura flexível (abertura à mudança); apoio mútuo, trabalho de equipa, liderança partilhada, coesão e recursos sociais e económicos para enfrentar as adversidades.

Ser do género feminino em interacção com o local de residência influencia significativamente a percepção da dimensão *individualidade*. As mulheres pertencentes a uma zona predominantemente urbana apresentam *scores* mais elevados que as mulheres que residem num zona predominantemente rural ou medianamente urbana. Todas as sociedades estabeleceram os seus próprios significados sobre “ser homem” e “ser mulher”. Estas significações envolvem uma série de expectativas acerca de como cada um dos sexos se deve comportar (Vieira, 2006). Com o passar dos anos, os papéis tradicionalmente atribuídos ao homem e à mulher têm-se alterado progressivamente, devido a mutações ocorridas nos contextos sociais (Stevenson et al., 1994, como citado em Vieira, 2006). Deve-se também à progressiva entrada da mulher no mundo do trabalho, ao acesso à educação, e ao desempenho de actividades anteriormente dominadas pelo homem (Vieira, 2006). Tudo isso tem sido acompanhado por um conservadorismo cada vez menor nas ideias dos indivíduos de ambos os sexos, quer na vida profissional, quer na esfera doméstica (Twenge, 1997, como citado em Vieira, 2006). No entanto, os papéis de esposa e de mãe foram os que até à actualidade menos mudaram para a mulher. Este facto pode ser acentuado pela maior pressão social e conservadorismo que supomos existir nas zonas rurais, mais tradicionais. Nas zonas urbanas, as mulheres podem sentir-se mais libertas dos preconceitos e estereótipos.

Finalmente, a interacção **género/etapa do ciclo vital** parece não influenciar significativamente quer a percepção da resiliência familiar global, quer das suas dimensões. Há excepção da interacção género feminino/etapa do ciclo vital que influencia a percepção da dimensão *apoio social*. Especificamente, as mulheres que se encontram na etapa do ciclo vital “ninho vazio”, seguidas das que se encontram nas etapas família com filhos pequenos ou em idade pré-escolar, família lançadora e família com filhos em idade escolar apresentam *scores* de percepção de apoio social mais baixos que as mulheres que se encontram na etapa família com filhos adolescentes, ou mesmo idosos ou casal sem filhos.

De facto, tal como foi referido anteriormente, com o aparecimento de um novo elemento no sistema, começa, progressivamente, a abertura aos sistemas exteriores. Aspecto que atinge o seu máximo na etapa família com

filhos adolescentes (Alarcão, 2006). Assim, é compreensível que as famílias que, actualmente, atravessam a etapa família com filhos pequenos, em idade pré-escolar e escolar percepcionem um menor apoio social. Progressivamente, vai aumentando o contacto com as famílias de origem, os amigos, e há também o alargamento do espectro relacional (Alarcão, 2006). Daí que as mulheres pertencentes à etapa família com filhos adolescentes percepcionem maior apoio social. As etapas família lançadora e “ninho vazio” caracterizam-se por períodos de grande movimentação familiar. Acontecem múltiplas saídas e entradas no sistema e transformações relacionais importantes. Há também a necessidade do casal renegociar a sua relação através da reavaliação do casamento e do balanço profissional e individual; e de aprender a lidar com o envelhecimento (Alarcão, 2006). O que pode conduzir os indivíduos a percepcionarem, naquele momento, um menor apoio social. Em contraponto, com o aumento da esperança de vida, passou a ser frequente a concomitância de três/quatro gerações. Assim, os idosos acolhem com muita alegria os netos e bisnetos. São estes que lhes renovam a vontade de viver (Alarcão, 2006).

Dependendo da etapa pelo qual as mulheres estão a passar, o ciclo vital por funcionar como uma fonte de *stress* ou como um factor de protecção. Daí que na resiliência familiar seja importante ter em conta uma perspectiva desenvolvimental. Esta vai permitir ter em conta a passagem do ciclo de vida familiar e as influencias multigeracionais (Hawley & DeHaan, 1996; Walsh, 1996; 2002; 2003). Pode afectar mais o género feminino uma vez que, tradicionalmente, foi conferido à mulher o papel “dona-de-casa”, esposa e mãe. Além disso, o apoio social pode funcionar como um factor de protecção e uma força que potencializa a resiliência familiar. Tal como é mencionado na literatura, é fundamental identificar potenciais recursos relacionais dentro e fora da família nuclear, incluindo a comunidade (Walsh, 1996). O suporte social surge como um dos factores associados a resultados mais positivos (Orthner et al., 2004).

Para terminar a discussão dos resultados, iremos apontar algumas limitações ao nosso estudo e apresentar algumas propostas para investigações futuras.

À medida que avançámos no nosso estudo, fomos identificando algumas limitações. Primeiro, o nosso estudo é exploratório, o que limita a generalização das suas conclusões para a população portuguesa, tendo-se recorrido a uma amostra por conveniência. A segunda limitação prende-se com o tamanho da nossa amostra, o n correspondente às nossas sub-amostras é divergente o que pode ter condicionado os resultados (maior número de mulheres, comparativamente aos homens). Além disso, importa salientar que, apesar de nos centrarmos numa análise familiar, os resultados obtidos através dos instrumentos *QV* e *QFF* foram analisados em termos individuais, uma vez que apenas temos dados referentes a um dos elementos da família.

Deste modo, em investigações futuras seria proveitoso obter uma amostra maior, em que a variável principal (género) tivesse um n equivalente. Analisar a influência, sozinha, das variáveis por nós

seleccionadas como mediadoras. Poderia também ser interessante analisar a influência que os diferentes tipos de religião podem ter nestes constructos. Além disso, seria curioso recolher e analisar a informação a partir de mais do que um membro da família, cruzando-a. Ou pedir a um membro da família para referir as suas percepções sobre a família como um todo, no que diz respeito ao QV.

VI - Conclusões

A nossa sociedade está a sofrer modificações sociais que colocam novas exigências e desafios aos indivíduos de ambos os sexos, impelindo-os, muitas vezes, a transformar os seus comportamentos. Os papéis de género tradicionais são constantemente colocados à prova, no entanto, homens e mulheres continuam a ser caracterizados e avaliados de forma divergente (Vieira, 2006). Assim, predomina a ausência de consenso quanto à existência de diferenças de género a um nível global, e num domínio tão complexo como o familiar.

A qualidade de vida e a resiliência familiares são conceitos relativamente novos, encontrando-se no início do seu processo de conceptualização.

A qualidade de vida familiar só recentemente recebeu atenção (Poston & Turnbull, 2004; Park et al., 2003). Trata-se de um constructo complexo, constatando-se a ausência de uma teoria geral (Rettig et al., 1991; Rettig & Leichtenritt, 1999). Turnbull e colaboradores (2000, como citado em Park et al., 2003) definem-na como condições onde as necessidades da família são conhecidas, os seus elementos desfrutam da sua vida juntos enquanto família, e têm a oportunidade de fazer algo importante para eles. Abrange as dimensões estrutura organizacional da família, relacionamentos interpessoais, e auto-eficácia parental (Armstrong et al., 2005). Existem numerosos estudos realizados em áreas consideradas influentes na qualidade de vida, no entanto, carecem no domínio familiar.

A resiliência familiar também é um conceito relativamente novo. Grande parte da literatura deriva da bibliografia sobre as forças familiares (Hawley & DeHaan, 1996), da teoria das ciências sociais e da investigação sobre *stress*, *coping* e adaptação (Walsh, 1996; 2003), resultando do seu aperfeiçoamento. Genericamente, é um processo dinâmico que descreve a forma como as famílias se adaptam positivamente e recuperam das contrariedades, perante dificuldades significativas (Luthar et al., 2000). Também carecem investigações nesta área.

Assim sendo, o nosso estudo pretendeu analisar a influência do género na percepção da qualidade de vida e resiliência familiares, assim como a eventual influência, ainda que exploratória, de variáveis sócio-demográficas e familiares.

Verificámos que existe uma associação linear positiva moderada, estatisticamente significativa entre a qualidade de vida e a resiliência familiares (global). O que significa que elevados níveis de percepção de qualidade de vida familiar estão associados a elevados níveis de percepção

de resiliência familiar.

Relativamente à qualidade de vida familiar evidenciam-se os seguintes resultados:

- *Género*: não influencia a percepção da qualidade de vida familiar global, nem das suas dimensões, há excepção do factor *casa*.
- *Género/idade*: não influencia a percepção da qualidade de vida familiar global. No entanto, observam-se alguns efeitos significativos quanto às dimensões deste constructo. O género feminino/idade influencia mais factores do que o género masculino/idade. A interacção género/idade influencia a percepção do factor *relações sociais e saúde*. A interacção *género feminino/idade* influencia a percepção das dimensões *bem-estar financeiro, emprego, tempo, mass media, religião, família e conjugalidade, e educação*.
- *Género/estado civil*: não influencia a percepção da qualidade de vida familiar global. Quanto às suas dimensões, o mesmo se reflecte no que diz respeito ao género masculino. A interacção *género feminino/estado civil* influencia a percepção da dimensão *família e conjugalidade*.
- *Género/nível socioeconómico*: influencia a percepção da qualidade de vida familiar global e algumas das suas dimensões. O *género masculino/nível socioeconómico* influencia a percepção dos factores *relações sociais e saúde, e educação*. O *género feminino/nível socioeconómico* influencia a percepção das dimensões *tempo e educação*.
- *Género/local de residência*: não exerce influência na percepção da qualidade de vida familiar global. Relativamente às suas dimensões, apenas a interacção *género feminino/local de residência* parece ter influência. Especificamente nos factores *vizinhança e comunidade, família e conjugalidade e educação*.
- *Género/etapa do ciclo vital*: não influencia a percepção da qualidade de vida familiar global. Nas suas dimensões, apenas a interacção *género feminino/etapa do ciclo vital* exerce influência. Especificamente, *tempo, relações sociais e saúde, família e conjugalidade e educação*.
- Associação linear positiva moderada, estatisticamente significativa, entre o item único *como é que avalia a qualidade de vida da família?* e a Qualidade de Vida Total.
Quanto à resiliência familiar, destaca-se o seguinte:
- *Género*: não influencia a percepção da resiliência familiar, nem globalmente nem ao nível das suas dimensões.
- *Género/idade, género/estado civil e género/nível socioeconómico*: não influenciam a percepção da resiliência familiar global nem das suas dimensões.
- *Género/local de residência*: influencia a percepção da resiliência familiar global. O mesmo ocorre em duas dimensões deste constructo, *clima familiar positivo e coesão e organização da vida familiar e tomada de decisão*. O *género feminino/local de residência* influencia a percepção da dimensão *individualidade*.
- *Género/etapa do ciclo vital*: não influencia a percepção da resiliência

familiar global, nem as suas dimensões. Há excepção da interacção *género feminino/etapa do ciclo vital* que influencia a percepção da dimensão *apoio social*.

- Associação linear positiva moderada, estatisticamente significativa, entre o item único *como é que avalia as forças/capacidades da família para lidar com os problemas/dificuldades?* e as Forças Familiares Total.

Da discussão dos resultados efectuada, existem alguns aspectos a ressaltar.

A ideia de que a sociedade atribui, aos homens e às mulheres, constelações de comportamentos adequados e socialmente desejáveis (Vieira, 2006), parece aplicar-se. O género é uma categoria socialmente construída e as relações entre os dois sexos não são mais que relações sociais (Lorber, 1986, como citado em Vieira, 2006).

Com o passar dos anos, os papéis tradicionalmente atribuídos ao homem e à mulher têm-se alterado (Stevenson et al., 1994, como citado em Vieira, 2006). No entanto, os papéis de esposa e de mãe foram os que até à actualidade menos mudaram para a mulher. Neste sentido, os aspectos que mais se realçaram na nossa discussão dizem respeito à mulher.

É um facto que a pobreza atinge, particularmente, as mulheres. O facto de terem sido “donas-de-casa” ao longo da sua vida e de obterem elevadas taxas de analfabetismo, são assuntos transversais a toda a discussão. Além disso, o modelo social dominante continua a atribuir às mulheres a principal responsabilidade pelos cuidados prestados no domínio familiar; e aos homens a responsabilidade pelo trabalho profissional. Consequentemente, as mulheres têm responsabilidades familiares e profissionais excessivas, o que dificulta as suas opções profissionais e pessoais (Canço et al., 2007).

Parece-nos também que são as mulheres quem mais sofrem com o “julgamento social” e com a “pressão social”, quando contrariam ideais tradicionais.

Novas vulnerabilidade e forças vão emergindo com a mudança das circunstâncias de vida (Hawley & Dehaan, 1996; Walsh, 1996; 2002; 2003; Luthar et al., 2000), o que nos levou a colocar a hipótese de que, ao longo do tempo, os indivíduos vão adquirindo novas “ferramentas” que lhe vão permitir superar as adversidades e encontrar um equilíbrio. Os indivíduos conseguem contrabalançá-las através dos seus factores de protecção e dos recursos que vão adquirindo ao longo do tempo. O que vai de encontro à ideia de Walsh (1996) de que cada família possui a capacidade para se auto-restabelecer. Para superar as adversidades/crise que está a enfrentar, a família poderá ter que recorrer a recursos exteriores (sociais e comunitários). Segundo Walsh (2002), a resiliência familiar é guiada por uma orientação *bio-psico-social*, onde problemas e soluções são vistos à luz das múltiplas influências recursivas. É fundamental identificar potenciais recursos relacionais dentro e fora da família nuclear, incluindo a comunidade.

De modo geral, parece-nos que as diferenças de género, no âmbito da qualidade de vida e resiliência familiares, são um mito e não uma realidade

presente no nosso quotidiano. As representações do que é ser Homem e Mulher podem funcionar como profecias que se auto-cumprem. As expectativas acerca do comportamento de género podem dar origem a acções e atitudes que tornam as referidas expectativas verdadeiras.

Bibliografia

Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto (trabalho original publicado em 2000).

APA (n.d.). *Women and socioeconomic status* [versão electrónica]. Consultado em Maio, 3, 2010, acedido em <http://www.apa.org/pi/ses/resources/publications/women-factsheet.pdf>.

Armstrong, M.I., Birnie-Lefcovitch, S., & Ungar, M.T. (2005). Pathways between social support, family well being, quality of parenting, and child resilience: What we know. *Journal of Child and Family Studies*, *14*(2), 269-281.

Brown, I., Anand, S., Fung, W.L.A., Isaacs, B., & Baum, N. (2003). Family quality of life: Canadian results from an international study. *Journal of Developmental and Physical Disabilities*, *15*(3), 207-230.

Canço, D., Silva, T.V., & Gradim, N. (2007). *A igualdade de género em Portugal*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Cerdeira, M.C. (2009). A perspectiva de género nas relações laborais portuguesas. *Sociologia, Problemas e Práticas*, *60*, 81-103.

Conger, R.D., & Conger, K.J. (2002). Resilience in midwestern families: Selected findings from the first decade of a prospective, longitudinal study. *Journal of Marriage and Family*, *64*(2), 361-373.

Cummins, R.A. (2005). Moving from the quality of life concept to a theory. *Journal of Intellectual Disability Research*, *49*(10), 699-706.

Davidoff, L.L. (2001). Comportamento social e questões sociais. In L.L. Davidoff (coord.). *Introdução à psicologia* (pp. 631-670). São Paulo: Pearson Education.

DeHaan, L., Hawley, D.R., & Deal, J.E. (2002). Operationalizing family resilience: A methodological strategy. *The American Journal of Family Therapy*, *30*, 275-291.

Fagulha, T., Duarte, M.E., & Miranda, M.J. (2000). A “qualidade de vida”: Uma nova dimensão psicológica? *Psychologica*, *25*, 5-17.

Goetting, A. (1986). Parental satisfaction: A review of research. *Journal of Family Issues*, *7*(1), 83-109.

Grotberg, E.H. (1997). *The international resilience research project*. (ERIC Document Reproduction Service No. ED417861).

Hawley, D.R. (2000). Clinical implications of family resilience. *The American Journal of Family Therapy*, *28*(2), 101-116.

Hawley, D.R., & DeHaan, L. (1996). Toward a definition of family resilience: Integrating life-span and family perspectives. *Family Process*, *35*, 283-298.

Hoffman, L., Marquis, J., Poston, D., Summers, J.A., & Turnbull, A. (2006). Assessing family outcomes: Psychometric evaluation of the beach

Center family quality of life scale. *Journal of Marriage and Family*, 68(4), 1069-1083.

I.N.E. (1998). *Tipologia de áreas urbanas*. Lisboa: I.N.E. e Direcção Geral de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.

I.N.E. (2010). *Homens & mulheres em Portugal* [versão electrónica]. Consultado em Abril, 29, 2010, acedido em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=87769374&PUBLICACOESstema=00&PUBLICACOE Smodo=2.

Jokinen, N.S., & Brown, R.I. (2005). Family quality of life from the perspective of older parents. *Journal of Intellectual Disability Research*, 49(10), 789-793.

Luthar, S.S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000). The construct of resilience: A critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*, 71(3), 543-562.

Maroco, J. (2007). *Análise estatística - Com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo (trabalho original publicado em 2003).

Mendes, P.G. (2008). *Resiliência familiar: estudo exploratório em famílias de risco* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Mercier, C., Péladeau, N., & Tempier, R. (1998). Age, gender and quality of life. *Community Mental Health Journal*, 34(5), 487-500.

Mills, R.J., Grasmick, H.G., Morgan, C.S., & Wenk, D. (1992). The effects of gender, family satisfaction, and economic strain on psychological well-being. *Family Relations*, 41, 440-445.

Olson, D. H., McCubbin, H.I., Barnes, H.L., Larsen, A. S., Muxen, M.J., & Wilson, M.A. (1983). *Families: What makes them work?*. Beverly Hills: Sage Publications.

Olson, D., McCubbin, H., Barnes, H., Larsen, A., Muxen, M., & Wilson, M. (1985). *Family inventories: Inventories used in a national survey of families across the family life cycle* (Ed. rev.). St. Paul, MN: University of Minnesota.

Orthner, D.K., Jones-Sanpei, H., & Williamson, S. (2004). The resilience and strengths of low-income families. *Family Relations*, 53, 159-167.

Park, J., Hoffman, L., Marquis, J., Turnbull, A.P., Poston, D., Mannan, H., et al. (2003). Toward assessing family outcomes of service delivery: Validation of a family quality of life survey. *Journal of Intellectual Disability Research*, 47, 367-384.

Patterson, J.M. (2002). Integrating family resilience and family stress theory. *Journal of Marriage and Family*, 64(2), 349-360.

Pestana, M.H., & Gageiro, J.N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais - a complementariedade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo (trabalho original publicado em 1998).

Pittman, J.F., & Lloyd, S.A. (1988). Quality of family life, social support, and stress. *Journal of Marriage and Family*, 50(1), 53-67.

- Poeschl, G., Múrias, C., & Ribeiro, R. (2003). As diferenças entre os sexos: Mito ou realidade? *Análise Psicológica*, 2(XXI), 213-228.
- Poston, D.J., & Turnbull, A.P. (2004). Role of spirituality and religion in family quality of life for families of children with disabilities. *Education and Training in Developmental Disabilities*, 39(2), 95-108.
- Rabasquinho, C., & Pereira, H. (2007). Género e saúde mental: Uma abordagem epidemiológica. *Análise Psicológica*, 3(XXV), 439-454.
- Relvas, A.P. (1996). *O ciclo vital da família. Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rettig, K.D., & Leichtentritt, R.D. (1999). A general theory for perceptual indicators of family life quality. *Social Indicators Research*, 47, 307-342.
- Rettig, K.D., Danes, S.M., & Bauer, J.W. (1991). Family life quality: Theory and assessment in economically stressed farm families. *Social Indicators Research*, 24, 269-299.
- Rosado-Nunes, M.J. (2005). Género e religião. *Revista Estudos Feministas*, 13(2), 363-365.
- Rutter, M. (1999). Resilience concepts and findings: Implications for family therapy. *Journal of Family Therapy*, 21, 119-144.
- Silberberg, S. (2001). Searching for family resilience. *Family Matters*, 58, 52-57.
- Simões, J.M. (2008). *Qualidade de Vida: estudo de validação para a população portuguesa* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Simões, M.M.R. (1994). *Investigação no âmbito da aferição nacional do teste das matrizes progressivas coloridas de Raven (M.P.R.C.)* (Dissertação de doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Summers, J.A, Poston, D.J., Turnbull, A.P., Marquis, J., Hoffman, L., Mannan, et al. (2005). Conceptualizing and measuring family quality of life. *Journal of Intellectual Disability Research*, 49(10), 777-783.
- Vieira, C. M. C. (2006). *É menino ou menina: Género e educação em contexto familiar*. Coimbra: Edições Almedina.
- Walsh, F. (1996). The concept of family resilience: Crisis and challenge. *Family Process*, 35, 261-281.
- Walsh, F. (2002). A family resilience framework: Innovative practice applications. *Family Relations*, 51(2), 130-137.
- Walsh, F. (2003). Family resilience: A framework for clinical practice. *Family Process*, 42(1), 1-18.
- Williams, K. (2003). Has the future of marriage arrived? A contemporary examination of gender, marriage, and psychological well-being. *Journal of Health and Social Behavior*, 44(4), 470-487.
- Wood, W., Rhodes, N., & Whelan, M. (1989). Sex differences in positive well-being: A consideration of emotional style and marital status. *Psychological Bulletin*, 106(2), 249-264.
- Yunes, M.A. (2003). Psicologia positiva e resiliência: O foco no

indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8, 75-84.

Anexos

Anexo I: Comparabilidade da Amostra

Anexo II: Protocolo

1. Carta de Apresentação do Protocolo e Consentimento Informado
2. Questionário Demográfico
3. Qualidade de Vida – versão parental
4. Questionário Forças Familiares

Anexo III: Características Psicométricas dos Instrumentos

1. Qualidade de Vida – versão parental
2. Questionário Forças Familiares

Anexo IV: Normalidade

1. Qualidade de Vida – QV
2. Questionário Forças Familiares – QFF

Anexo V: Homogeneidade

1. Qualidade de Vida – QV
2. Questionário Forças Familiares – QFF

Anexo VI: Resultados QV

1. Correlação Qualidade de Vida/Questionário Forças Familiares
2. Influência do Género na percepção da QVF
3. Influência Género/Variáveis Mediadoras na percepção da QVF
4. Influência Género/Idade na percepção da QVF
5. Influência Género/Estado Civil na percepção da QVF
6. Influência Género/Nível Socioeconómico na percepção da QVF
7. Influência Género/Local de Residência na percepção da QVF
8. Influência Género/Etapa do Ciclo Vital na percepção da QVF
9. Correlação Item Único/QV Total

Anexo VII: Resultados QFF

1. Influência do Género na percepção da RF
2. Influência Género/Variáveis Mediadoras na percepção da RF
3. Influência Género/Local de Residência na percepção da RF
4. Influência Género/Etapa do Ciclo Vital na percepção da RF
5. Correlação Item Único/QFF Total

Anexo I – Comparabilidade da Amostra

Teste de equivalência da amostra

	<i>Pearson Chi-Square</i>		
	Value	df	Asymp Sig (2-sided)
Local de Residência	8,093	2	0,017
Estado Civil	4,193	4	0,381
Etapa do Ciclo Vital	5,130	6	0,527
Formas de Família	0,505	3	0,918
Nível Socioeconómico	2,549	2	0,280

	<i>t-test for equality of means</i>		
	<i>t</i>	df	Sig. (2-tailed)
Habilitações Literárias	-1,127	119	0,262
Filhos	-2,679	78,396	0,009
Idade	0,306	59,434	0,761

Anexo III – Características Psicométricas dos Instrumentos

1. Qualidade de Vida – versão parental

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	68	56,2
	Excluded ^a	53	43,8
	Total	121	100,0

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,926	40

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Q Casamento 1	119,85	310,366	,537	,924
Q Casamento 2	119,82	311,222	,510	,924
Q Casamento 3	119,34	322,824	,227	,927
Q Casamento 4	120,24	313,854	,380	,926
Q Amigos 5	120,31	317,769	,392	,925
Q Amigos 6	120,31	316,754	,366	,926
Q Saúde 7	120,16	315,600	,467	,925
Q Saúde 8	120,46	316,282	,443	,925
Q Casa 9	120,04	306,938	,680	,922
Q Casa 10	120,28	315,279	,556	,924
Q Casa 11	120,54	308,819	,614	,923
Q casa espaço 12	120,40	308,691	,579	,923
Q casa espaço 13	120,28	306,682	,671	,922
Q Educação 14	120,91	312,052	,457	,925
Q Educação 15	120,88	309,867	,634	,923
Q Tempo 16	121,32	315,685	,407	,925
Q Tempo 17	121,19	313,709	,440	,925
Q Tempo 18	120,88	312,971	,422	,925
Q Tempo 19	121,03	319,551	,318	,926
Q Tempo 20	121,10	307,228	,605	,923
Q Religião 21	120,75	314,966	,455	,925
Q Religião 22	120,90	324,482	,189	,927
Q Emprego 23	120,72	309,995	,495	,924
Q Emprego 24	120,90	310,213	,489	,924
Q Mass media 25	120,75	320,131	,429	,925

Q Mass media 26	121,46	321,655	,246	,927
Q Mass media 27	121,19	322,635	,245	,926
Q rendimento 28	120,99	316,164	,496	,924
Q rendimento 29	121,12	315,270	,527	,924
Q rendimento 30	120,94	306,265	,719	,922
Q rendimento 31	120,76	308,541	,613	,923
Q rendimento 32	120,60	320,482	,208	,928
Q rendimento 33	121,29	308,539	,581	,923
Q rendimento 34	121,25	303,713	,705	,922
Q vizinhança 35	120,78	318,980	,375	,925
Q vizinhança 36	120,88	316,613	,436	,925
Q vizinhança 37	120,87	314,863	,585	,924
Q vizinhança 38	120,44	315,116	,523	,924
Q vizinhança 39	121,21	313,778	,408	,925
Q vizinhança 40	121,40	312,930	,461	,925

Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
123,81	329,620	18,155	40

2. Questionário Forças Familiares

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	118	97,5
	Excluded ^a	3	2,5
	Total	121	100,0

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,940	29

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Forças1	103,55	328,301	,528	,938
Forças2	103,19	326,221	,609	,938
Forças3	102,97	315,632	,761	,936
Forças4	102,74	321,871	,648	,937
Forças5	103,03	319,273	,694	,936
Forças6	103,01	317,342	,722	,936

Forças7	103,25	322,020	,634	,937
Forças8	102,92	326,020	,570	,938
Forças9	103,42	319,751	,590	,938
Forças10	102,92	322,327	,700	,937
Forças11	102,99	318,316	,770	,936
Forças12	103,36	323,616	,589	,938
Forças13	103,35	321,203	,655	,937
Forças14	103,13	318,129	,763	,936
Forças15	103,53	317,260	,768	,936
Forças16	103,14	317,383	,784	,936
Forças17	103,56	326,300	,487	,939
Forças18	102,71	327,745	,542	,938
Forças19	103,24	321,738	,703	,937
Forças20	103,38	319,657	,717	,936
Forças21	103,47	321,123	,639	,937
Forças22	102,76	332,097	,483	,939
Forças23	103,38	321,708	,683	,937
Forças24	103,08	321,763	,725	,936
Forças25	102,64	323,616	,717	,937
Forças26	103,53	324,661	,633	,937
Forças27	103,41	326,380	,524	,938
Forças28	103,04	318,314	,178	,960
Forças29	103,02	317,538	,755	,936

Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
106,85	344,643	18,565	29

Anexo IV – Normalidade

1. Qualidade de Vida – QV

Teste de normalidade para o QV segundo o género

Género		Shapiro-Wilk Kolmogorov-Smirnov		
		Statistic	df	Sig.
Bem-estar Financeiro	M	0,974	36	0,548
	F	0,146	76	0,000
Tempo	M	0,944	38	0,057
	F	0,152	83	0,000
Vizinhança e Comunidade	M	0,953	38	0,112
	F	0,133	82	0,001
Casa	M	0,974	38	0,498
	F	0,097	80	0,060
Mass Média	M	0,915	38	0,007
	F	0,167	82	0,000
Relações Sociais e Saúde	M	0,927	37	0,018
	F	0,138	80	0,001
Emprego	M	0,944	33	0,086
	F	0,171	76	0,000
Religião	M	0,815	36	0,000
	F	0,246	81	0,000
Família e Conjugalidade	M	0,878	36	0,001
	F	0,194	79	0,000
Filhos	M	0,901	26	0,017
	F	0,172	64	0,000
Educação	M	0,954	38	0,124
	F	0,124	77	0,005
QV Total	M	0,951	20	0,382
	F	0,951	48	0,042

2. Questionário Forças Familiares – QFF

Teste de normalidade para o QFF segundo o género

Género		Shapiro-Wilk Kolmogorov-Smirnov		
		Statistic	df	Sig.
Crenças e Comunicação	M	0,874	38	0,001
	F	0,086	81	0,200
Capacidade de Adaptação	M	0,951	38	0,100
	F	0,118	82	0,006
Clima Familiar Positivo e Coesão	M	0,950	38	0,087
	F	0,101	82	0,036
Organização da Vida Familiar e Tomada de Decisão (OVFTD)	M	0,956	38	0,143
	F	0,090	81	0,160

Individualidade	M	0,952	38	0,105
	F	0,124	82	0,003
Apoio Social	M	0,944	38	0,058
	F	0,116	82	0,008
FF Total	M	0,980	38	0,731
	F	0,092	80	0,090

Anexo V – Homogeneidade

1. Qualidade de Vida – QV

Teste de homogeneidade para o QV

	<i>Levene</i>	
	F	Sig.
Bem-estar Financeiro	0,199	0,657
Tempo	1,140	0,288
Vizinhança e Comunidade	0,035	0,852
Casa	1,682	0,197
<i>Mass Média</i>	1,950	0,165
Relações Sociais e Saúde	0,576	0,449
Emprego	0,849	0,359
Religião	0,285	0,595
Família e Conjugalidade	2,286	0,133
Filhos	0,935	0,336
Educação	0,057	0,812
QV Total	0,655	0,421

2. Questionário Forças Familiares – QFF

Teste de homogeneidade para o QFF

	<i>Levene</i>	
	F	Sig.
Crenças e Comunicação	0,061	0,805
Capacidade de Adaptação	5,300	0,023
Clima Familiar Positivo e Coesão	2,756	0,100
OVFTD ¹	5,113	0,026
Individualidade	3,832	0,053
Apoio Social	3,353	0,070
FF Total	3,389	0,068

¹ Organização da Vida Familiar e Tomada de Decisão.

Anexo VI – Resultados, Qualidade de Vida

1. Correlação Qualidade de Vida/Resiliência Familiares

Correlação Qualidade de Vida/Resiliência Familiares – Escala Total

Descriptive Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
QV Total	123,8088	18,15543	68
FF Total	106,8475	18,56457	118

	QV Total	FF Total
Pearson Correlation	1	,508**
Sig. (2-tailed)		,000
Sum of Squares and Cross-products	22084,51	11927,97
Covariance	5	0
N	329,620	183,507
	68	66
Pearson Correlation	,508**	1
Sig. (2-tailed)	,000	
Sum of Squares and Cross-products	11927,97	40323,25
Covariance	0	4
N	183,507	344,643
	66	118

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlação Qualidade de Vida/Resiliência Familiares – Dimensões

Descriptive Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
Bem-Estar Financeiro	16,6250	4,45624	112
Tempo	11,2066	3,56351	121
Vizinhança e Comunidade	17,4083	3,43608	120
Casa	17,8644	3,44906	118
<i>Mass Media</i>	7,9417	1,83475	120
Relações Sociais e Saúde	13,8632	2,29281	117
Emprego	6,0734	1,89886	109
Religião	6,0769	1,32713	117
Família e Conjugalidade	8,1217	1,72264	115
Filhos	8,0444	1,42932	90

Educação	5,9043	1,72176	115
Crenças e Comunicação	33,2857	6,68814	119
Capacidade de Adaptação	15,1750	2,54262	120
Clima Familiar Positivo e Coesão	18,4000	3,62623	120
OVFTD	18,0336	3,79548	119
Individualidade	11,6333	2,28232	120
Apoio Social	10,3167	2,26402	120

<i>R de Pearson</i>		QFF		
		Clima Familiar Positivo e Coesão	OVFTD	
QV	Casa	Pearson Correlation	,279**	,280**
		Sig. (2-tailed)	,002	,002
		Sum of Squares and Cross-products	410,744	427,000
		Covariance	3,541	3,681
		N	117	117

<i>Rho de Spearman</i>		Questionário Forças Familiares				
		Crenças e Comunicação	Capacidade de Adaptação	Individualidade	Apoio Social	
Qualidade de Vida	Bem-Estar Financeiro	Correlation Coefficient	,324**	,343**	,209*	,343**
		Sig. (2-tailed)	,001	,000	,028	,000
		N	110	111	111	111
	Tempo	Correlation Coefficient	,141	,074	,167	-,011
		Sig. (2-tailed)	,125	,420	,069	,905
		N	119	120	120	120
	Vizinhança e Comunidade	Correlation Coefficient	,182*	,124	,264**	,255**
		Sig. (2-tailed)	,049	,179	,004	,005
		N	118	119	119	119
	Mass Media	Correlation Coefficient	-,016	,050	-,007	,095
		Sig. (2-tailed)	,861	,591	,943	,307
		N	118	119	119	119
	Relações Sociais e Saúde	Correlation Coefficient	,288**	,307**	,285**	,380**
		Sig. (2-tailed)	,002	,001	,002	,000
		N	116	117	116	117
	Emprego	Correlation Coefficient	,074	,066	,078	,042
		Sig. (2-tailed)	,450	,498	,423	,664

	N	107	108	108	108
Religião	Correlation Coefficient	,197*	,002	-,002	,178
	Sig. (2-tailed)	,035	,979	,981	,056
	N	115	116	116	116
Família e Conjugalidade	Correlation Coefficient	,411**	,370**	,347**	,262**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,005
	N	113	114	114	114
Filhos	Correlation Coefficient	,145	,221*	,261*	,073
	Sig. (2-tailed)	,177	,037	,014	,496
	N	88	89	89	89
Educação	Correlation Coefficient	,229*	,202*	,149	,098
	Sig. (2-tailed)	,014	,031	,113	,296
	N	114	115	114	115

2. Influência do género na percepção da QVF

Teste *t-Student* (Variável Independente: género)

	<i>t-Student</i>		
	<i>t</i>	Df	Sig. (2-tailed)
QV Total	0,802	66	0,426
Factor Casa	3,214	116	0,002

Teste de *Mann-Whitney* (Variável Independente: género)

	<i>Mann-Whitney</i>	
	<i>U</i>	Sig.
Bem-estar Financeiro	1194,000	0,276
Tempo	1396,000	0,308
Vizinhança e Comunidade	1524,500	0,849
<i>Mass Media</i>	1460,000	0,572
Relações Sociais e Saúde	1411,500	0,685
Emprego	1208,000	0,756
Religião	1266,000	0,222
Família e Conjugalidade	1225,500	0,224
Filhos	792,500	0,720
Educação	1387,500	0,648

Teste de *Mann-Whitney* (Variável Independente: género)

	Género	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Bem-estar Financeiro	M	36	61,33	2208,00
	F	76	54,21	4120,00
	Total	112		
Tempo	M	38	65,76	2499,00

	F	83	58,82	4882,00
	Total	121		
Vizinhança e Comunidade	M	38	61,38	2332,50
	F	82	60,09	4927,50
	Total	120		
Mass Media	M	38	57,92	2201,00
	F	82	61,70	5059,00
	Total	120		
Relações Sociais e Saúde	M	37	60,85	2251,50
	F	80	58,14	4651,50
	Total	117		
Emprego	M	33	53,61	1769,00
	F	76	55,61	4226,00
	Total	109		
Religião	M	36	64,33	2316,00
	F	81	56,63	4587,00
	Total	117		
Família e Conjugalidade	M	36	63,46	2284,50
	F	79	55,51	4385,50
	Total	115		

3. Influência Género/Variáveis Mediadoras na percepção da QVF

Género/Variáveis Mediadoras – Anova a dois factores (Two-Way)

	Anova Two-way		Género- Idade	Género- -Estado Civil	Género-Nível Socioeconómico	Género- -Local de Residência	Género- -Etapa do Ciclo Vital
Qualidade de Vida	QV Total	F	1,404	0,036	3,188	0,642	1,384
		Gl	4	1	2	2	5
		p	0,244	0,850	0,048	0,530	0,244
	Casa	F	1,077	1,222	1,075	0,773	0,908
		Gl	4	3	2	2	6
		p	0,372	0,305	0,345	0,464	0,492

Género Masculino – Variáveis Mediadoras (QV)

	Kruskal-Wallis Género Masculino		Género- Idade	Género- -Estado Civil	Género-Nível Socioeconómico	Género- -Local de Residência	Género- -Etapa do Ciclo Vital
Qualidade de Vida	Bem-estar Financeiro	χ^2_{KW}	2,614	3,744	1,896	3,017	4,758
		Gl	4	3	2	2	6
		p	0,624	0,290	0,387	0,221	0,575

	Tempo	X^2_{KW}	7,900	1,314	2,068	3,554	5,388
		Gl	4	3	2	2	6
		p	0,095	0,726	0,356	0,169	0,495
	Vizinhança e Comunidade	X^2_{KW}	0,619	2,003	5,264	0,764	1,052
		Gl	4	3	2	2	6
		p	0,961	0,572	0,072	0,682	0,984
	<i>Mass Media</i>	X^2_{KW}	6,396	4,048	1,313	0,833	9,286
		Gl	4	3	2	2	6
		p	0,171	0,256	0,519	0,659	0,158
Relações Sociais e Saúde	X^2_{KW}	11,057	0,921	7,181	3,685	7,967	
	Gl	4	3	2	2	6	
	p	0,026	0,820	0,028	0,158	0,240	
Emprego	X^2_{KW}	0,539	1,004	0,385	0,971	1,392	
	Gl	4	3	2	2	6	
	p	0,970	0,800	0,825	0,615	0,966	
Religião	X^2_{KW}	1,794	0,154	0,761	1,831	6,487	
	Gl	4	3	2	2	6	
	p	0,774	0,985	0,684	0,400	0,371	
Família e Conjugalidade	X^2_{KW}	4,878	1,560	2,743	0,986	6,562	
	Gl	4	2	2	2	6	
	p	0,300	0,458	0,254	0,611	0,363	
Filhos	X^2_{KW}	1,292	0,089	0,750	3,063	1,806	
	Gl	4	2	2	2	6	
	p	0,863	0,957	0,687	0,216	0,937	
Educação	X^2_{KW}	3,850	1,151	11,323	1,007	7,940	
	Gl	4	3	2	2	6	
	p	0,427	0,765	0,003	0,605	0,243	

Género Feminino – Dimensões (QV)

	<i>Kruskal-Wallis</i> Género Feminino	Género-Idade	Género-Estado Civil	Género-Nível Socioeconómico	Género-Local de Residência	Género-Etapa do Ciclo Vital								
							X^2_{KW}	Gl	p	X^2_{KW}	Gl	p	X^2_{KW}	Gl
Qualidade de Vida	Bem-estar Financeiro	X^2_{KW}	9,627	3,193	1,969	4,646	12,354							
		Gl	4	4	2	2	6							
		p	0,047	0,526	0,374	0,098	0,055							
	Tempo	X^2_{KW}	19,648	3,680	10,939	0,634	17,846							
		Gl	4	4	2	2	6							
		p	0,001	0,451	0,004	0,728	0,007							
	Vizinhança e Comunidade	X^2_{KW}	8,738	5,820	0,791	9,287	6,366							
		Gl	4	4	2	2	6							
		p	0,068	0,213	0,673	0,010	0,383							
	<i>Mass Media</i>	X^2_{KW}	15,932	1,995	0,299	2,938	7,076							
Gl		4	4	2	2	6								
p		0,003	7,737	0,861	0,230	0,314								
Relações Sociais e Saúde	X^2_{KW}	20,569	2,855	0,644	1,021	17,224								
	Gl	4	4	2	2	6								
	p	0,000	0,582	0,725	0,600	0,008								

	Emprego	X^2_{KW}	11,953	6,924	1,950	2,177	8,274
		Gl	4	4	2	2	6
		p	0,018	0,140	0,377	0,337	0,219
	Religião	X^2_{KW}	9,924	1,337	1,795	5,265	7,685
		Gl	4	4	2	2	6
p		0,042	0,855	0,408	0,072	0,262	
Família e Conjugalidade	X^2_{KW}	16,414	8,852	1,051	9,689	15,684	
	Gl	4	3	2	2	6	
	p	0,003	0,031	0,591	0,008	0,016	
Filhos	X^2_{KW}	3,364	7,277	1,058	0,109	5,234	
	Gl	4	3	2	2	6	
	p	0,499	0,064	0,589	0,947	0,514	
Educação	X^2_{KW}	28,532	4,615	9,563	10,313	20,884	
	Gl	4	3	2	2	6	
	p	0,000	0,202	0,008	0,006	0,002	

4. Influência Género/Idade na percepção da QVF

Média das Ordens – Género/Idade

Idade Agrupada	Género Masculino		Género Feminino		
	N	Mean Rank	N	Mean Rank	
Bem-Estar Financeiro	22-29	9	22,39	11	51,14
	30-39	9	17,67	20	42,95
	40-49	3	11,83	24	30,33
	50-59	9	18,61	13	32,00
	> 60	6	17,08	8	45,06
	Total	36		76	
Tempo	22-29	9	18,72	11	58,05
	30-39	9	14,89	21	37,69
	40-49	3	8,50	27	36,54
	50-59	9	23,67	13	28,88
	> 60	8	25,00	11	63,09
	Total	38		83	
Vizinhança e Comunidade	22-29	9	20,89	11	49,77
	30-39	9	20,22	20	49,33
	40-49	3	15,67	27	32,57
	50-59	9	18,50	13	36,04
	> 60	8	19,69	11	47,36
	Total	38		82	
<i>Mass Media</i>	22-29	9	23,33	11	41,68

	30-39	9	22,56	21	58,12
	40-49	3	21,83	26	34,60
	50-59	9	18,89	13	30,81
	> 60	8	11,56	11	38,55
	Total	38		82	
Relações Sociais e Saúde	22-29	8	20,25	11	56,59
	30-39	9	26,61	20	51,55
	40-49	3	18,67	27	35,96
	50-59	9	18,89	12	20,29
	> 60	8	9,44	10	37,20
	Total	37		80	
Emprego	22-29	8	18,38	11	52,77
	30-39	9	17,56	21	44,93
	40-49	3	17,00	27	29,69
	50-59	8	15,06	12	37,33
	> 60	5	16,90	5	30,50
	Total	33		76	
Religião	22-29	7	16,07	11	45,64
	30-39	9	20,44	20	51,33
	40-49	3	16,50	27	33,89
	50-59	9	17,00	12	31,88
	> 60	8	20,88	11	45,00
	Total	36		81	
Família e Conjugalidade	22-29	9	21,33	10	63,05
	30-39	8	18,75	21	44,40
	40-49	3	7,00	26	30,69
	50-59	8	17,56	13	36,15
	> 60	8	20,31	9	36,56
	Total	36		79	
Filhos	22-29	2	12,00	1	18,50
	30-39	6	12,17	19	37,50
	40-49	2	10,75	27	32,70
	50-59	8	13,31	7	26,57
	> 60	8	15,75	10	28,00
	Total	26		64	
Educação	22-29	9	23,72	10	63,80
	30-39	9	21,22	20	50,40
	40-49	3	13,00	25	28,12

50-59	9	19,50	12	32,71
> 60	8	15,25	10	26,15
Total	38		77	

5. Influência Género/Estado Civil na percepção da QVF

Média das Ordens – Género Feminino/Estado Civil

	Estado civil	N	Mean Rank
Bem-Estar Financeiro	Solteiro	1	51,00
	Casado	67	38,50
	Viúvo	4	36,88
	Divorciado	3	26,33
	Recasado	1	69,00
	Total	76	
Tempo	Solteiro	1	75,00
	Casado	73	40,66
	Viúvo	4	56,13
	Divorciado	4	41,88
	Recasado	1	50,50
	Total	83	
Vizinhança e Comunidade	Solteiro	1	68,00
	Casado	73	41,90
	Viúvo	4	39,38
	Divorciado	3	16,83
	Recasado	1	68,00
	Total	82	
<i>Mass Media</i>	Solteiro	1	62,50
	Casado	72	41,76
	Viúvo	4	29,13
	Divorciado	4	43,25
	Recasado	1	44,50
	Total	82	
Relações Sociais e Saúde	Solteiro	1	47,50
	Casado	71	40,65
	Viúvo	3	34,00
	Divorciado	4	32,75
	Recasado	1	73,50
	Total	80	

Emprego	Solteiro	1	74,00
	Casado	66	39,08
	Viúvo	4	29,25
	Divorciado	4	23,00
	Recasado	1	63,50
	Total	76	
Religião	Solteiro	1	64,00
	Casado	71	40,83
	Viúvo	4	35,75
	Divorciado	4	43,00
	Recasado	1	43,00
	Total	81	
Família e Conjugalidade	Casado	72	42,10
	Viúvo	2	28,75
	Divorciado	4	8,88
	Recasado	1	36,00
	Total	79	
Filhos	Casado	56	34,71
	Viúvo	4	11,88
	Divorciado	3	23,33
	Recasado	1	18,50
	Total	64	
Educação	Casado	70	40,50
	Viúvo	3	33,33
	Divorciado	3	15,00
	Recasado	1	23,00
	Total	77	

6. Influência Género/Nível Socioeconómico na percepção da QVF

Post Hoc Tests – Nível Socioeconómico/QV Total

Multiple Comparisons – Bonferroni

(I) nível socioeconómico	(J) nível socioeconómico	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
NE baixo	NE médio	2,0625	5,21970	1,000	-10,7815	14,9065
	NE alto	-8,1333	9,11226	1,000	-30,5556	14,2889
NE médio	NE baixo	-2,0625	5,21970	1,000	-14,9065	10,7815
	NE alto	-10,1958	8,29228	,671	-30,6004	10,2087

NE alto	NE baixo	8,1333	9,11226	1,000	-14,2889	30,5556
	NE médio	10,1958	8,29228	,671	-10,2087	30,6004

Based on observed means.

The error term is Mean Square(Error) = 311,375.

Média das Ordens – Género/Nível Socioeconómico

Nível Socioeconómico		Género Masculino		Género Feminino	
		N	Mean Rank	N	Mean Rank
Bem-Estar Financeiro	NE baixo	6	13,25	23	37,24
	NE médio	28	19,39	48	37,72
	NE alto	2	21,75	5	51,80
	Total	36		76	
Tempo	NE baixo	8	15,63	29	52,17
	NE médio	28	21,02	49	38,28
	NE alto	2	13,75	5	19,50
	Total	38		83	
Vizinhança e Comunidade	NE baixo	8	11,56	28	38,70
	NE médio	28	21,70	49	42,50
	NE alto	2	20,50	5	47,40
	Total	38		82	
<i>Mass Media</i>	NE baixo	8	15,94	28	41,27
	NE médio	28	20,21	49	41,07
	NE alto	2	23,75	5	47,00
	Total	38		82	
Relações Sociais e Saúde	NE baixo	8	11,56	28	38,02
	NE médio	27	20,24	47	41,45
	NE alto	2	32,00	5	45,50
	Total	37		80	
Emprego	NE baixo	4	14,50	23	34,78
	NE médio	27	17,22	48	41,05
	NE alto	2	19,00	5	31,10
	Total	33		76	
Religião	NE baixo	8	20,94	29	45,05
	NE médio	26	17,90	47	39,29
	NE alto	2	16,50	5	33,60
	Total	36		81	
Família e Conjugalidade	NE baixo	8	14,38	27	37,04
	NE médio	26	19,13	47	42,13
	NE alto	2	26,75	5	36,00

	Total	36		79	
Filhos	NE baixo	6	12,17	24	35,19
	NE médio	19	13,63	36	30,43
	NE alto	1	19,00	4	35,00
	Total	26		64	
Educação	NE baixo	8	9,75	27	30,11
	NE médio	28	21,14	45	42,07
	NE alto	2	35,50	5	59,40
	Total	38		77	

7. Influência Género/Local de Residência na percepção da QVF

Média das Ordens – Género Feminino

	Local de Residência	N	Mean Rank
Bem-Estar Financeiro	Predominante/ Urbano	24	43,38
	Mediana/ Urbano	25	41,66
	Predominante/ Rural	27	31,24
	Total	76	
Tempo	Predominante/ Urbano	28	40,84
	Mediana/ Urbano	27	44,98
	Predominante/ Rural	28	40,29
	Total	83	
Vizinhança e Comunidade	Predominante/ Urbano	28	50,91
	Mediana/ Urbano	27	41,78
	Predominante/ Rural	27	31,46
	Total	82	
<i>Mass Media</i>	Predominante/ Urbano	28	39,73
	Mediana/ Urbano	27	47,61
	Predominante/ Rural	27	37,22
	Total	82	
Relações Sociais e Saúde	Predominante/ Urbano	27	43,81
	Mediana/ Urbano	25	40,20
	Predominante/ Rural	28	37,57
	Total	80	
Emprego	Predominante/ Urbano	25	43,04
	Mediana/ Urbano	24	38,58
	Predominante/ Rural	27	34,22
	Total	76	

Religião	Predominante/ Urbano	28	46,61
	Mediana/ Urbano	25	32,88
	Predominante/ Rural	28	42,64
	Total	81	
Família e Conjugalidade	Predominante/ Urbano	25	51,54
	Mediana/ Urbano	27	34,19
	Predominante/ Rural	27	35,13
	Total	79	
Filhos	Predominante/ Urbano	18	33,39
	Mediana/ Urbano	19	32,87
	Predominante/ Rural	27	31,65
	Total	64	
Educação	Predominante/ Urbano	26	47,71
	Mediana/ Urbano	25	40,98
	Predominante/ Rural	26	28,38
	Total	77	

8. Influência Género/Etapa do Ciclo Vital na percepção da QVF

Média das Ordens – Género Feminino

	Etapa do Ciclo Vital	N	Mean Rank
Bem-Estar Financeiro	Casal sem filhos	14	51,11
	Filhos pequenos ou pré-escolar	9	33,78
	Filhos idade escolar	10	34,90
	Filhos adolescentes	13	42,04
	Família lançadora	18	26,17
	Ninho vazio	4	44,88
	Idosos	8	45,06
	Total	76	
Tempo	Casal sem filhos	14	54,46
	Filhos pequenos ou pré-escolar	9	36,78
	Filhos idade escolar	11	34,55
	Filhos adolescentes	14	32,32
	Família lançadora	20	36,78
	Ninho vazio	4	32,63
	Idosos	11	63,09
	Total	83	
Vizinhança e Comunidade	Casal sem filhos	14	51,25

	Filhos pequenos ou pré-escolar	9	36,67
	Filhos idade escolar	10	44,80
	Filhos adolescentes	14	38,46
	Família lançadora	20	33,30
	Ninho vazio	4	45,50
	Idosos	11	47,36
	Total	82	
<i>Mass Media</i>	Casal sem filhos	14	43,39
	Filhos pequenos ou pré-escolar	9	40,50
	Filhos idade escolar	11	53,59
	Filhos adolescentes	13	44,42
	Família lançadora	20	32,20
	Ninho vazio	4	49,00
	Idosos	11	38,55
	Total	82	
Relações Sociais e Saúde	Casal sem filhos	14	55,43
	Filhos pequenos ou pré-escolar	9	36,06
	Filhos idade escolar	10	41,00
	Filhos adolescentes	14	51,68
	Família lançadora	20	28,30
	Ninho vazio	3	22,67
	Idosos	10	37,20
	Total	80	
Emprego	Casal sem filhos	13	49,38
	Filhos pequenos ou pré-escolar	9	31,83
	Filhos idade escolar	11	43,68
	Filhos adolescentes	14	40,04
	Família lançadora	20	31,18
	Ninho vazio	4	45,13
	Idosos	5	30,50
	Total	76	
Religião	Casal sem filhos	14	44,04
	Filhos pequenos ou pré-escolar	9	47,22
	Filhos idade escolar	10	42,85
	Filhos adolescentes	14	47,00
	Família lançadora	20	30,38
	Ninho vazio	3	30,17
	Idosos	11	45,00

	Total	81	
Família e Conjugalidade	Casal sem filhos	13	59,38
	Filhos pequenos ou pré-escolar	9	40,67
	Filhos idade escolar	11	33,82
	Filhos adolescentes	14	44,61
	Família lançadora	19	29,87
	Ninho vazio	4	32,25
	Idosos	9	36,56
	Total	79	
Filhos	Casal sem filhos	2	25,00
	Filhos pequenos ou pré-escolar	9	39,28
	Filhos idade escolar	10	31,95
	Filhos adolescentes	14	38,11
	Família lançadora	18	27,69
	Ninho vazio	1	45,00
	Idosos	10	28,00
	Total	64	
Educação	Casal sem filhos	13	59,23
	Filhos pequenos ou pré-escolar	8	40,75
	Filhos idade escolar	11	43,27
	Filhos adolescentes	12	42,67
	Família lançadora	20	27,25
	Ninho vazio	3	37,50
	Idosos	10	26,15
	Total	77	

9. Correlação Item Único/QV Total

Descriptive Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
Qualidade vida família	3,64	,705	121
QV Total	123,8088	18,15543	68

Correlations

	Qualidade vida família	QV Total
Pearson Correlation	1	,588**
Sig. (2-tailed)		,000
N	121	68

QV Total	Pearson Correlation	,588**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	68	68

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo VII – Resultados QFF

1. Influência do Género na percepção da RF

Teste *t-Student* (Variável Independente: género)

	<i>t-Student</i>		
	<i>t</i>	df	Sig. (2-tailed)
Clima Familiar Positivo e Coesão	0,745	118	0,457
OVFTD ²	0,870	101,544	0,386
QFF Total	1,060	116	0,292

Teste de *Mann-Whitney* (Variável Independente: género)

	<i>Mann-Whitney</i>	
	<i>U</i>	Sig.
Crenças e Comunicação	1444,500	0,589
Capacidade de Adaptação	1445,000	0,520
Individualidade	1535,000	0,896
Apoio Social	1392,500	0,346

Teste de *Mann-Whitney* (Variável Independente: género)

	Género	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Crenças e Comunicação	M	38	62,49	2374,50
	F	81	58,83	4765,50
	Total	119		
Capacidade de Adaptação	M	38	63,47	2412,00
	F	82	59,12	4848,00
	Total	120		
Individualidade	M	38	59,89	2276,00
	F	82	60,78	4984,00
	Total	120		
Apoio Social	M	38	64,86	2464,50
	F	82	58,48	4795,50
	Total	120		

² Organização da Vida Familiar e Tomada de Decisão.

2. Influência Género/Variáveis Mediadoras na percepção da RF

Género/Variáveis Mediadoras – Anova a dois factores (Two-Way)

		Anova Two-way		Género- -Idade	Género- -Estado Civil	Género - Nível Socioeconómico	Género- -Local de Residência	Género- -Etapa do Ciclo Vital
Questionário Forças Familiares	Clima Familiar Positivo e Coesão	F		0,676	0,711	0,139	3,637	0,604
		Gl		4	3	2	2	6
		p		0,610	0,547	0,870	0,029	0,767
	OVFTD	F		0,297	0,713	0,239	3,131	0,970
		Gl		4	3	2	2	6
		p		0,879	0,546	0,788	0,047	0,450
	QFF Total	F		0,685	0,531	0,195	3,545	0,706
		Gl		4	3	2	2	6
		p		0,604	0,662	0,823	0,032	0,645

Género Masculino – Factores (QFF)

		Kruskal-Wallis Género Masculino		Género- -Idade	Género- -Estado Civil	Género - Nível Socioeconómico	Género- -Local de Residência	Género- -Etapa do Ciclo Vital
Questionário Forças Familiares	Crenças e Comunicação	χ^2_{KW}		0,519	6,049	0,001	3,670	0,780
		Gl		4	3	2	2	6
		p		0,972	0,109	0,999	0,160	0,993
	Capacidade de Adaptação	χ^2_{KW}		2,796	4,909	0,441	5,491	3,466
		Gl		4	3	2	2	6
		p		0,593	0,179	0,802	0,064	0,749
	Indivíduoalidade	χ^2_{KW}		5,591	5,928	0,520	2,533	5,688
		Gl		4	3	2	2	6
		p		0,232	0,115	0,771	0,282	0,459
	Apoio Social	χ^2_{KW}		4,311	4,532	1,026	3,472	9,122
		Gl		4	3	2	2	6
		p		0,366	0,209	0,599	0,176	0,167

Género Feminino – Factores (QFF)

		Kruskal-Wallis Género Feminino		Género- -Idade	Género- -Estado Civil	Género - Nível Socioeconómico	Género- -Local de Residência	Género- -Etapa do Ciclo Vital
Questionário Forças Familiares	Crenças e Comunicação	χ^2_{KW}		3,015	7,653	1,076	5,635	9,024
		Gl		4	4	2	2	6
		p		0,555	0,105	0,584	0,060	0,172
	Capacidade de Adaptação	χ^2_{KW}		4,320	8,123	3,690	0,164	8,169
		Gl		4	4	2	2	6
		p		0,364	0,087	0,158	0,921	0,226
	Indivíduoalidade	χ^2_{KW}		1,348	5,689	1,258	7,878	8,996
		Gl		4	4	2	2	6
		p		0,853	0,224	0,533	0,019	0,174

		χ^2_{KW}	4,989	0,453	0,645	4,524	13,752
	Apoio Social	GI	4	4	2	2	6
		p	0,288	0,978	0,724	0,104	0,033

3. Influência Género/Local de Residência na percepção da RF

Post Hoc Tests – Local de Residência/QFF Total

Multiple Comparisons – Bonferroni

(I) local residência	(J) local residência	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Predominante/urbano	Mediana/ urbano	5,0701	3,85478	,573	-4,2989	14,4390
	Predominante/ rural	8,5821	4,33386	,150	-1,9512	19,1154
Mediana/ urbano	Predominante/urbano	-5,0701	3,85478	,573	-14,4390	4,2989
	Predominante/ rural	3,5121	4,21536	1,000	-6,7332	13,7574
Predominante/ rural	Predominante/urbano	-8,5821	4,33386	,150	-19,1154	1,9512
	Mediana/ urbano	-3,5121	4,21536	1,000	-13,7574	6,7332

Based on observed means.

The error term is Mean Square(Error) = 325,385.

Post Hoc Tests – Local de Residência/Clima Familiar Positivo e Coesão

Multiple Comparisons – Bonferroni

(I) local residência	(J) local residência	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Predominante/urbano	Mediana/ urbano	1,1317	,74969	,402	-,6899	2,9533
	Predominante/ rural	1,5284	,83602	,210	-,5030	3,5598
Mediana/ urbano	Predominante/urbano	-1,1317	,74969	,402	-2,9533	,6899
	Predominante/ rural	,3967	,81691	1,000	-1,5883	2,3817
Predominante/ rural	Predominante/urbano	-1,5284	,83602	,210	-3,5598	,5030
	Mediana/ urbano	-,3967	,81691	1,000	-2,3817	1,5883

Based on observed means.

The error term is Mean Square(Error) = 12,466.

Post Hoc Tests – Local de Residência/Organização da Vida Familiar e Tomada de Decisão

Multiple Comparisons – Bonferroni

(I) local residência	(J) local residência	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Predominante/urbano	Mediana/ urbano	,6679	,79436	1,000	-1,2625	2,5983
	Predominante/ rural	1,6672	,88473	,186	-,4828	3,8172
Mediana/ urbano	Predominante/urbano	-,6679	,79436	1,000	-2,5983	1,2625
	Predominante/ rural	,9993	,86007	,743	-1,0908	3,0894

Predominante/ urbano	-1,6672	,88473	,186	-3,8172	,4828
Predominante/ rural					
Mediana/ urbano	-,9993	,86007	,743	-3,0894	1,0908

Based on observed means.

The error term is Mean Square(Error) = 13,818.

Média das Ordens – Gênero Feminino/Local de Residência

	Local de Residência	N	Mean Rank
Crenças e Comunicação	Predominante/ Urbano	27	49,15
	Mediana/ Urbano	27	39,70
	Predominante/ Rural	27	34,15
	Total	81	
Capacidade de Adaptação	Predominante/ Urbano	27	42,31
	Mediana/ Urbano	27	42,20
	Predominante/ Rural	28	40,04
	Total	82	
Individualidade	Predominante/ Urbano	28	51,54
	Mediana/ Urbano	27	37,69
	Predominante/ Rural	27	34,91
	Total	82	
Apoio Social	Predominante/ Urbano	27	47,06
	Mediana/ Urbano	27	43,69
	Predominante/ Rural	28	34,04
	Total	82	

4. Influência Gênero/Etapa do Ciclo Vital na percepção da RF

Média das Ordens – Gênero Feminino/Etapa do Ciclo Vital

	Etapa do Ciclo Vital	N	Mean Rank
Crenças e Comunicação	Casal sem filhos	14	48,64
	Filhos pequenos ou pré-escolar	9	27,50
	Filhos idade escolar	11	43,05
	Filhos adolescentes	14	47,57
	Família lançadora	19	42,87
	Ninho vazio	4	22,00
	Idosos	10	35,05
	Total	81	
Capacidade de Adaptação	Casal sem filhos	14	42,86
	Filhos pequenos ou pré-escolar	9	34,56

	Filhos idade escolar	11	44,64
	Filhos adolescentes	14	54,29
	Família lançadora	20	34,80
	Ninho vazio	4	27,63
	Idosos	10	43,45
	Total	82	
Individualidade	Casal sem filhos	14	44,71
	Filhos pequenos ou pré-escolar	9	25,00
	Filhos idade escolar	11	38,82
	Filhos adolescentes	13	44,15
	Família lançadora	20	47,75
	Ninho vazio	4	23,63
	Idosos	11	45,59
	Total	82	
Apoio Social	Casal sem filhos	14	49,32
	Filhos pequenos ou pré-escolar	9	25,83
	Filhos idade escolar	11	38,86
	Filhos adolescentes	14	52,71
	Família lançadora	20	36,95
	Ninho vazio	4	20,63
	Idosos	10	49,30
	Total	82	

5. Correlação Item Único/QFF Total

Descriptive Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
Forças Familiares	3,55	,707	121
FF Total	106,8475	18,56457	118

Correlations

		Forças Familiares	QFF Total
Forças Familiares	Pearson Correlation	1	,577**
	Sig. (2-tailed)		,000
	N	121	118
QFF Total	Pearson Correlation	,577**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	118	118